Salomão Rovedo

APAIXONADA POR

Beethoven

(Contos)

Rio de Janeiro
2001

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

APAIXONADA POR BEETHOVEN

(CONTOS)

1 Apaixonada por Beethoven, pg. 3

2 A casa só, pg. 10

3 Cigarras, pg. 16

4 Falava com os mortos, pg. 21

5 O guarda-roupa do defunto, pg. 27

6 Tipo assim..., pg. 32

7 O pacto dos meninos da Rua Bela, pg. 36

"Beethoven é classificado muitas vezes como a ponte que ligou o período clássico e romântico na história da música. É verdade, mas apenas em parte (...), pois ele foi o último renascentista, o último barroco, o último clássico, enquanto foi o primeiro romântico, o primeiro expressionista, o primeiro moderno, sua música é onde o passado desembocou e onde o futuro se baseou. Ele foi a ponte entre o que havia antes e o que viria depois." (Gregório Calleres, compositor - http://www.calleres.net/)

APAIXONADA POR BEETHOVEN

(Inspirado em Guiomar Novaes)

> *"Expressivo. Suave. Com Profundo Sentimento. São as palavras-chave para a atmosfera desta maravilhosa sonata. E quão apropriada é esta música, que foi dedicada por um compositor de 52 anos de idade, para uma jovem de 19 anos, cujos encantos não haviam escapado a ele".*
> (Sobre a Sonata nº 30, para piano, de Beethoven).

Quando Elizabete Maria retornou da Europa, além do meritório diploma do Conservatório de Música de Paris, trouxe todos os recortes dos jornais que publicaram comentários sobre seus recitais. E seu maior prazer era mostrá-los às amigas que vinham visitá-la. Nessas ocasiões, seu rosto normalmente pálido, sofria uma mutação, avermelhava-se, adquiria uma cor púrpura, provocada pelos risos alegres. A revista “Classic”, de Londres, como a se escusar diante dos leitores, publicou em editorial:

> *"Buscar descrever o que foi o Recital Beethoven da pianista brasileira Elizabete Maria, seria a mesma coisa que tentar definir para um cego o que é a luz do sol".*

Acho que vale a pena contar a curta trajetória de Elizabete Maria, porque temos cada vez menos a graça e o privilégio de, ante a luz do sol e de todos os astros, descortinar a total plenitude, a nesga do gênio que foi, como artista, essa nossa pianista. Temos o som de algumas das suas execuções, é claro, mas são pouquíssimas – e nenhuma à altura dos prodígios que ela perpetrava. Então, vale a pena sim (e convém repetir mil vezes), vale a pena tentar encontrar palavras que simbolizem a justa condição em que se põe a humanidade diante do miraculoso. Porque é importante como legado, que deve ficar ao menos como lembrança, a imortalidade menor. E, ainda mais, quando o resto não passa quase sempre de lantejoulas, é bom relembrar Mozart, que dizia com propriedade: *"A música, como forma sonora, reina soberana e é preciso esquecer tudo o demais".*

Elizabete Maria nasceu em Rosário, uma cidadezinha do interior maranhense próxima à Ilha de São Luís, sétima filha de família numerosa, quase todas as mulheres, às quais se adicionavam dois homens. Tinha os cabelos louros encaracolados e os olhos azuis da avó catarinense de origem nórdica. Sendo de compleição frágil, a mais frágil das irmãs, era difícil prever-se qual seria a sua trajetória futura, mas o milagre que a acometeu muito cedo tirou todas as dúvidas. Mal aprendeu a ler e falar diante da espantada família sentava-se ao colo da mãe e dedilhando o velho piano a quatro mãos executavam valsas e polcas brasileiras. Um pouco mais tarde aventurou-se sozinha, reproduzindo de ouvido o que escutava, deixando as pernas curtas flutuando num vai e vem ritmado, quando sentada no banco do piano.

Na verdade o milagre era mais devido à sua força e determinação com que buscava compensar a fragilidade do corpo, para colocá-la em igualdade de condições perante os demais irmãos. Cansara-se de ser tratada com excessivo desvelo, como se fosse um doente inútil e esse esforço foi logo premiado com o apoio irrestrito de toda a família, dos mestres e dos amigos. O piano a igualava a todos e alguma vez dava até certa vantagem... Isto é o que também afirmavam os seus conterrâneos. Primeiro, o professor, padre Chiafaretti, que pegou suas mãos alvas e delicadas, de dedos longos, dizendo que Elizabete Maria tinha *mãos de pianista*. Todos foram unânimes em ressaltar o talento incomum, bem antes que imaginassem ler coisa alguma do que a seu respeito diriam mundo afora os maiores especialistas, os mais respeitados mestres, os mais famosos críticos e, por fim, as platéias apaixonadas dos seus recitais beethovenianos.

Enquanto suas irmãs se limitavam a se preparar para casamentos sólidos, Elizabete Maria exigiu tratamento diferente. Resulta que ela foi encaminhada para os estudos regulares, com seis anos, completando a sua formação, primeiro em São Luís e depois na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Após dois anos na Escola Nacional de Música saiu, aos 14 anos, já pianista consumada, após obter a chancela de um diploma e bolsa de estudo para aperfeiçoamento no Conservatório de Paris. Apesar de tocar todos os compositores de piano indistintamente, a sua dedicação à obra de Beethoven acabou se transformando em paixão e culto.

Na Cidade Luz teve que fazer um exame introdutório, no qual foi admitida em primeiro lugar, vencendo cerca de 500 candidatos originários de vários países. Claude Debussy pertencia à banca examinadora e se rendeu cativado quando deu o parecer:

> *"A personalidade artística que mais sobressaiu entre todas as sementes é uma jovem brasileira. O seu olhar é inebriado de música e, quando ao piano, possui o poder de isolar-se de tudo que a circunda, sinal característico e raro do verdadeiro artista".*

Contrastando as feições delicadas e o corpo frágil com a febre de agitação, enquanto cumpriu estágio no Conservatório durante os estudos, começou a aparecer em concertos, tanto para assistir como para executar as sonatas de Beethoven, suas preferidas. Acompanhada do irmão mais velho, ambos ficaram deslumbrados com as cidades européias, ela aprendeu a circular por Paris com desenvoltura. As apresentações informais começaram a se avolumar a ponto de abalar a rotina das platéias e da crítica especializada.

O que se poderia esperar de uma moça que chega num templo da costura mundial e ao invés de se derramar pelas ruas das mais formosas lojas de modas e peles, das vitrines cheias de modelos vestindo as mais afamadas marcas de estilistas, busca o silêncio? O que faria uma moça do interior se recolher a um apartamento na Cidade Luz, ao invés de se enfeitiçar pelas jóias ou perfumes das mais afamadas fragrâncias, se deixar levar pelo sabor do champanhe e pela

beleza e charme dos pratos que levaram a cozinha francesa ao ápice, pelos restaurantes à margem do rio Sena? Pois em vez de desfrutar tudo isso Elizabete simplesmente se entocava quase incomunicável nas salas de aula, nos salões de concertos, nas editoras de música, finalmente convivendo entre os mais famosos compositores, os mais respeitados e exímios pianistas, violinistas, maestros – o mundo musical.

Após dois anos de estágio, Elizabete Maria arrebata o Primeiro Prêmio no respeitadíssimo concurso do Conservatório de Paris, que tinha como examinadores alguns dos maiores compositores da Europa, inclusive o já citado Claude Debussy, num justo eco à consagração que seu talento provocara. Seus olhinhos azuis, a testa alva vincada, a posição debruçada sobre o piano, uma concentração indevassável, a cabeleira loura iluminada, tudo isso chamou a atenção de alguns, que começaram a compará-la com o ídolo Beethoven. *Um Beethoven de saias!* – publicou um jornalista mais afoito.

Após o exame excessivamente rigoroso diante das mais eminentes figuras da música européia, ela obteve o primeiro dos cinco prêmios que foram concedidos aos melhores. As provas, pela alta qualidade dos executantes, atraíam ao Conservatório de Paris numeroso público, críticos influentes, jornalistas, editores musicais, empresários e expertos musicais. Quando ao final das apresentações o nome de Elizabete Maria apareceu em primeiro lugar, o público se pronunciou numa inesperada reação, começando a gritar seu nome em uníssono. A aluna teve que repetir a prova para satisfazer o público exaltado e nenhum silêncio foi mais absoluto daquele que se fez quando seus dedos levíssimos e mágicos começaram a tocar as teclas. Ao final a ovação se repetiu e no dia seguinte a douta Europa de todas as artes proclamava através da imprensa a seu respeito:

> "A mais bela natureza de pianista com que se possa sonhar, ouvindo as obras de Beethoven".
>
> "As sonatas de Beethoven tiveram na intérprete o talento mais perfeito, mais formoso e mais impressionante, que não se encontrou jamais em um pianista".
>
> "Inesquecível recordação: a sala apinhada, metade da platéia em pé, a aclamar a pequena jovem que se agigantava sozinha num recital de piano de oito difíceis peças beethovenianas".
>
> "Tão diferente dos demais, o que impressiona é a autoridade de estilo. Extraordinário, inverossímil. O próprio Beethoven não hesitaria em dizer: – Simplesmente fantástico!".
>
> "Reinava na sala uma atmosfera de júbilo comovido, uma sensação rara de enorme deleite. A sombria figura do mestre alemão pousando onipresente sobre a platéia...".
>
> "Técnica avançadíssima, de perfeição absoluta, em reinado transcendente, que a possibilita executar tudo, impondo-se nas provas mais árduas que o gênio de Beethoven produziu".

O que impressionava tanta gente era o contraste entre o que viam e o que ouviam: uma mocinha, de feições delicadas, frágil, cujos dedos longos e finos passeavam no teclado, um universo sem fronteiras, enchendo o ambiente de ressonâncias monumentais. O auditório lotado prendia a respiração quando Elizabete Maria principiava a tocar. De início seguia a partitura exposta à sua frente, depois mergulhava na música de maneira tão profunda que até a auxiliar que virava as páginas esquecia de fazê-lo...

Em todos os concertos para os quais Elizabete Maria fora convidada, nas mais importantes salas das capitais européias, deixava estonteadas as mais altivas personalidades do mundo artístico. Um frenesi sublevava as platéias e musicólogos, professores, compositores e a crítica, viram-se na obrigação de rever conceitos sobre a arte do piano. Exagero ou não, nossa artista era comparada a Chopin, Liszt, Busoni, Rachmaninoff, simplesmente os maiores pianistas de todos os tempos.

Elizabete Maria, com menos de 16 anos abalava as noções do que a arte de interpretar ao piano dizia respeito até então. Cada apresentação era um verdadeiro vendaval de assombrosas referências. A pacata Suíça estremece. Na famosa e respeitabilíssima Academia de São Petersburgo, onde passaram Tchaikovsky e Rachmaninoff, foi aplaudida de pé. De passagem pela Áustria tocou no Festival de Bayreuth como convidada. Da Alemanha à Itália os jornais, os críticos musicais, as platéias, manifestavam-se espantados com o prodígio. Em Londres o mais circunspeto crítico do The Time se deixava levar: *"O seu poder de interpretação é algo de anormal".* Mas ela era verdadeira, real, simples e cativante...

Somente depois que seu nome se consolidou e que as águas turbulentas se acalmaram, Elizabete Maria se deu ao luxo de aceitar os convites para visitar alguns templos da moda. Tirou momentos de folga, gozou o privilégio da fama e pôde até se perder pelas vielas e admirar as vitrines cheias de belos vestidos, casacos de pele, roupas da marca de estilistas que enchiam as páginas das revistas de alta costura. Assistiu a desfiles, desfrutou o anonimato e a fama, deixou-se levar pela magia de uma taça de champanhe gelada, pelo sabor inigualável da cozinha francesa, apreciou passantes da Cidade Luz, gente comum que circulava pela margem do rio Sena. Livre, enfim, do sacrifício das aulas e dos concertos, Elizabete convive com o povo da rua, anônima ouve os músicos que tocam para viver nas portas dos bares, simples músicos, violinistas que executavam canções francesas para o deleite dos turistas.

Enquanto isso, à sua volta instala-se o pasmo: tudo que acontece em torno da pequena pianista imprensa documenta fartamente. *"Santo Deus! Um gênio do piano, se é que antes já tenha existido algum".* Quem assim se revela é o eminentíssimo crítico Hamm Franklin. O decano filósofo Johann Herbert, o mais temido, mais sábio e ilustre dos musicólogos, que um dia declarou execrar a maioria dos *tocadores de piano* e a quase totalidade dos executantes de Beethoven, no New York Times confessa sem medo de ser redundante: *"Nem*

todas as gerações terão a felicidade de ouvir uma Elizabete Maria, principalmente quando interpreta genialmente, o gênio Beethoven".

Do New York Herald: *"É uma lástima que Bach, Gluck, Chopin, Liszt, Rubinstein, Debussy e principalmente Beethoven, não estivessem presentes no Classical Hall para ouvir a mais talentosa pianista que aqui se apresentou".* O New York Tribune continuava a cantilena de notícias sobre a nossa pianista: *"Após o recital da pianista Elizabete Maria, os insistentes, inúmeros e repetidos pedidos de* bis *e mais* bis *de uma platéia hipnotizada, que se recusava a abandonar o recinto, forçou a direção do teatro a solicitar auxílio da polícia para que se retirasse o público".*

Para se ter uma idéia do que se disse quando Elizabete Maria interpretava Beethoven, há de se recorrer a Harriette Brower, em "Piano Mistery":

> *"A técnica é uma arte em si própria. Mas nenhum problema parece opor à pianista Elizabete Maria qualquer dificuldade, tudo é impecavelmente vencido. Seus* glissandi *ondulam entre os altos e os baixos do teclado com uma beleza e uma tal maciez que jamais as superaram as mãos de nenhum outro pianista que se tenha memória. Seus acordes são cheios e suntuosos, seus trinados uniformes como os cantos de pássaros. O ouvinte tomba assombrado ante uma tal soberbia e se põe a imaginar aonde teria essa moça adquirido técnica assim consumada. Em Elizabete Maria deslumbra-se mais com o gênio interpretativo, que capta o sentido íntimo da composição, desvelando a mensagem poética e emotiva, que é capaz de a comunicar com esse vigor e esse encanto tão persuasivos quanto extraordinários".*

Então é fácil imaginar a emoção que tomou a todos quando Elizabete Maria retornou da Europa e chegou à pequenina cidade de Rosário, após receber as devidas homenagens, dar entrevistas e cumprir recitais na capital São Luís. Com que orgulho exibia para as irmãs, os pais, as amigas, o diploma de Honra ao Mérito do Conservatório de Paris, os recortes dos jornais, agora organizados por país e data, os comentários rasgados, elogiosos, sobre os recitais dedicados exclusivamente à música de Beethoven.

A revista Classic, esta chegou inteira e novinha, mas pouco depois, o editorial que se impôs a toda Europa e que humildemente confessava: *"Buscar descrever o que foi o Recital Beethoven da pianista brasileira, seria a mesma coisa que tentar definir para um cego o que é a luz do sol",* este logo estaria já amarrotado, tantas foram as mãos por que passou.

Visita especial dedicou Elizabete Maria ao seu primeiro mestre, padre Chiafaretti, que, aos 80 anos, tocou nas mãos delicadas de dedos longos – *"Mãos de pianista"* ele dissera –, como a predizer o futuro que a aguardava. O velho padre a recebeu com os olhos marejados, mas sorridente e emocionado. Não perdeu a oportunidade para conversar bastante e ao fim recebeu – igualmente emocionada – as bênçãos do dedicado mestre. Elizabete Maria foi ao órgão executar a peça de Bach que mais agradava ao velho clérigo.

A cidade de Rosário, com seus cantinhos secretos guardados da infância acolheu-a com aconchego, trouxe o merecido descanso. Depois do turbilhão, após a euforia da chegada, sua vida se tornou mansa como a cidade às margens do rio. Na sua residência choviam cartas, convites, cartões, publicações mandadas de todos os lugares em que passou, chegavam centenas de contratos para concertos, gravações, planos para as trinta e três sonatas de Beethoven. Era o sonho de tornar-se uma concertista que estava prestes a se tornar verdade, mas, por força do destino, somente parte desse sonho se realizou. Afora algumas gravações feitas em São Luís mesmo, com equipamentos que não eram os mais modernos, Elizabete Maria não pôde cumprir nenhum dos demais compromissos.

Com todo esse aparato e com o coração comovido, então, alcançaremos o poder de distinguir a qualidade do tesouro que se perdeu com a morte de Elizabete Maria, antes de completar 18 anos, quando se consolidava mundialmente a fama de ser, com toda certeza, a maior intérprete do genial compositor germânico, o maior fenômeno pianístico deste século. Os pais e irmãos não quiseram enterrá-la no cemitério público, não combinava com o espírito libertário dela. O corpo foi depositado no *Sítio Ao Luar*, de propriedade da família, às margens do rio, sob um pé de ipê amarelo, onde Elizabete costumava isolar-se em meditações e serenidade. Assim estariam sempre próximos dela...

Hoje já nem se distingue mais o local, a não ser instintivamente nas proximidades do ipê, porque o capim e os arbustos já recuperaram o espaço que era seu por natureza. O irmão mais velho Salvador Jorge, que a acompanhou na viagem à Europa, guarda numa página do Diário a impressão digital das duas mãos de Elizabete, entre desenhos, recortes e frases, que os irmãos faziam se divertindo, no tempo de uma juventude interrompida.

Para escrever sinceramente sobre o talento que foi Elizabete Maria, temos que recorrer a um requintado vocabulário, uma gama de adjetivos aplicados ao superlativo. Mesmo assim seria tarefa árdua, porque, não sendo um fato sobrenatural, era o gênio de Beethoven quem a dominava quando se sentava ao piano para executar suas composições. É também uma das poucas pianistas que não se pode descrever sem usar as expressões mais requintadas: temos de apelar para o excepcional, o exagerado, o comovido. Apesar disso, hesita-se na escolha de qualificativos que a definam, tão gastas pelo uso, em tantas línguas, tem sido as expressões de homenagem aos pequenos gênios, que surgem e se esfumam a todo o momento.

Não podemos esquecer que Beethoven conquistou espaço na história da música graças, principalmente, às composições instrumentais. Portanto, somente quando compreendermos a mensagem de um artista solitário, interligado à natureza das coisas, que sempre pregou a liberdade e o direito à expressão individual, só quando estivermos totalmente de posse do som de Beethoven em nossa alma, poderemos nos permitir o luxo de entender o que foi a passagem de Elizabete Maria pela música. O que sabemos de definitivo é que ela está

eternamente unida ao compositor pelo envolvimento adquirido nos dois anos mais turbulentos e emocionantes de sua vida...

(Este conto foi baseado no texto de Arnaldo Senise sobre Guiomar Novaes no CD “Beethoven Concerto # 4 op. 58” Gravadora CID - 1992).
Rio de Janeiro, 02/04/2001.

A CASA SÓ

“A tua casa pode substituir o mundo,
mas o mundo jamais substituirá tua casa.”
(Anônimo)

Todos saíram. A casa está só. No vazio que me movo tropeço a cada instante com a presença dos que se foram. Provisória ou definitivamente se foram. Roupas abandonadas nos cantos, pratos por lavar, panelas largadas sobre o fogão. O violão empoeirado. A estante de livros de contos, poesias, biografias. Tudo abandonado em meio ao uso. Em torno do lugar persistia a aura de coisas que haviam ocorrido, gente que deixou marca, o hálito da presença anterior. Havia, sim, o perfume dos corpos, o cheiro da gente que fica pregado nas paredes.

** João Palmeira foi internado numa clínica psiquiátrica – levado em camisa de força – depois que a filha Ártemis morreu num acidente de trânsito. Espancou e expulsou a mulher de casa, largou o filho de lado. Atuou na repressão após a Revolução de 1964 e tem a seus débitos inúmeros desaparecidos entre a população comunista da província. À falta do que fazer, em plena loucura, se dedicava a matar cachorros vadios, sob a alegação de que estavam com raiva e eram perigosos à população. Depois ia ouvir ópera em casa. Condenado e desprezado por todos, circulava pelas ruas assobiando trechos da Sinfonia “Italiana” de Mendelssohn. Deixou inédita a Sinfonia “Ártemis”.

No meu canto existe uma vida similar, criada pela cama ainda desfeita, o livro entreaberto, notas feitas num rascunho. Não me anima arrumar nada. Apenas caminho entre tantas coisas querendo encontrar um espaço que não me pertence. É meu o aparelho de CD, que reproduz somente a primeira música. Não brigo. Sei todas elas de cor e salteado. Nada mais me pertence, até mesmo as coisas que foram minhas numa infância esquecida. E de cor e salteado entrego-me às emoções que exalam das paredes.

** Anita, Anita. Que vai esquecer a mulher que enfeitou os sonhos e a adolescência de todos os rapazes do bairro? E que, segundo diziam, inspirou Mário Donato a escrever o romance *Presença de Anita?* Esposa do farmacêutico, médico, dentista, conselheiro, Dr. Abdias. Mãe devota de três meninas lindas, loirinhas, olhos verdes, cabelos ruivos estelares, como os dela. E que corpo! Daqueles de *madona*, cheio, vastos quadris... De repente se apaixonou pelo representante do Laboratório Erva Fina, conhecido como Nonô, que fazia venda nas

farmácias locais. Largou tudo de lado – loucura! – e fugiu sem pestanejar.

Bebo água, acendo um cigarro que logo esqueço porque deixei de fumar, enxoto a gata que percorre os cantos em busca de comida, me irrito com uma coceira permanente entre os dedos do pé, procuro ordenar de vez a pilha de LP separando Beatles do padre Maurício Nunes Garcia. Enquanto arrumo ouço de memória todas as músicas. Esvazio o armário velho e empoeirado, mas não consigo me desfazer dos litros de cachaça que acumulam raízes e ervas formando garrafadas para todos os fins. Lembro-me deles.

** Antônio Carlos e José Carlos eram irmãos e alcoólatras, mas apenas um o álcool matou. Antônio Carlos – dito Totonho – ainda outro dia mesmo estava ali na quitanda do seu Joaquim com o copo de 51 na mão e o cigarro na outra. Mexia com as mulheres que passavam, fosse quem fosse e por isso estava jurado de morte. Num dia desses saiu de fininho no encalço de uma mulata que lhe sorriu e nunca mais foi visto. José Carlos, sim, esse morreu de cirrose.

Da janela do apartamento vejo bem clara, com fundo azul e algumas nuvens a Serra Grajaú-Jacarepaguá, verde, com a vegetação recuperada. Onde a favela ainda não tomou pé surgem mangueiras, bananeiras e árvores de eucalipto. A estrada serpenteia entre os morros no rumo da Barra da Tijuca. Ali se concentra toda a fama da TV, onde se fabrica novela, onde se espalham as mansões dos astros e estrelas do nosso cinema e teatro. É ali que morrem todos os sonhos estrelados, todas as ilusões, todas as atrizes, as danielas peres...

** Isabelle Bardot tinha o destino para ser atriz desenhado desde o nascimento. Por isso foi batizada com dois nomes de atrizes francesas. Aos 17 anos deixou toda a família em lágrimas e foi cumprir seu fadário. Quando chegou a encenar uma ponta na novela das sete já tinha no currículo as passagens pelo Circo Teatro Malibu, Circo Garcia e Teatro de Arena. Foi capa das revistas *Fofoca* e *Star!*. Casou, descasou, casou de novo. Manda para a mãe e irmãs recortes de revistas, anúncios, programas, fotografias, cartas, autógrafos, retrato ao lado de atores da TV Globo, da TVS e do CineArt. Mas prometeu só voltar para casa *quando fizer sucesso*. Quando *for famosa*.

A igreja com sua cruz imensa obstrui a vista para o planalto e mais adiante para o declive que leva ao covão. De lá se segue o paraíso de onde Adão foi expulso com Eva. Sobraram o olho d'água, o pé de ingá, as juçareiras, passarinhos, camaleões, mucuras e uma sombra imensa para se deitar. O velho Joca Pereira se deslumbrava com o pôr de sol sentado na varanda. Lia no jornal – acompanhado de um copo fino com uísque e balde de gelo –, as notícias que lhe

davam total conhecimento da política nacional. Muitos candidatos vinham consultá-lo antes das eleições...

** Valter Pereira (filho do velho Joca), adoeceu num domingo de enfarto, edema pulmonar, AVC, infecção múltipla – ou tudo isso junto – quando assistia à partida de futebol no Maracanã, no dia em que o Fluminense foi rebaixado para a terceira divisão. Passou ainda uma semana internado no Hospital da Penitência, em *coma induzido*. Tudo por conta do plano de saúde. Para mim já estava morto há muito tempo. Foi enterrado no outro domingo, sorrindo e com a face corada. Estava bonito. Deixou viúva e filhos...

Entre as paisagens que medeiam toda a solidão, as que não se encarcerava entre paredes, muitos e muitos anos se passaram. E, no entanto surgem iguais, irmãs, porque os corredores recendem o cheiro das pessoas e o espaço em volta não me pertence: estão ocupados por novas casas, prédios, ruas e avenidas espaçosas, pedestres desconhecidos. O destino tece teias, malvado, sem dar uma segunda chance. É assim: fatal, definitivo. Tantas vezes que sabiamente avisa: – Gente o futuro é hoje!

** Acho que todos nós temos três fases na vida. Numa delas se alcança a beleza. Clara Maria teve a beleza a seus pés entre 15 e 25 anos. Era bonita de dar inveja aos homens, às mulheres, às amigas. Morena, cabelos lisos até a cintura, altura acima da mediana, olhos negros como os olhos de Iracema. Pouquíssimos provaram seus lábios de mel, protegida que era pela mãe fera. Clara Maria casou bem, com o pretendente mais rico. Mudou-se para a fazenda do marido levando consigo a mãe, porque o pai não arrastou pé do bairro onde nasceu, viveu e morreu. Sozinha no dia do enterro do velho, Maria Clara era outra: cabelos pintados, olhos tristes de desterrada, maquiada igual estrela de TV. Depois veio na nossa casa tomar água, beber um cafezinho e ver as fotografias da fase mais bela da vida.

As pessoas foram saindo aos poucos e no espaço quem chegou não tinha a intimidade suficiente. O que a princípio parecia segredo depois se tornou estranho. Até mesmo o grupo escolar, imagine, pintado de azul e branco! Retratos na parede, álbuns de fotografias em preto e branco, sem anotação alguma só para forçar a memória. E depois de depois, os que vieram de Adão e Eva tinham a aparência dos gatos: filhos.

** A primeira vez que Carlos Lopes retornou da Europa teve recepção calorosa, não só de torcedores e parentes, mas também da imprensa desportiva, escrita, falada e televisiva. Uma porção de gente estranha, que se dizia parente distante (todos eram *Lopes* e alguns *López*), também foi abraçá-lo e dar boas vindas. Saiu daqui para jogar no

Auxèrre, que estava na segunda divisão, retornou rico e vencedor. Campeão da França, onde é chamado de *Lopês*. Fala francês fluente, arranha espanhol e italiano, tem dupla nacionalidade e um casal de filhos com a esposa francesa. Esse não volta jamais.

Não se trata de fios que juntaram as pontas. O que se seguiu foi uma linha solitária se estendendo até o infinito, mais além, aonde não se vê o fim. Quem descortinou a liberdade, a democracia, progresso, o amor livre, igualdade, riqueza para todos, feriu-se. Vizinhos se mudaram, casais se separaram, os bêbados passaram o copo e a cirrose. Uma grande seresta que começava na alvorada e terminava em lua cheia. E no entanto não havia cantoria que desafiasse a solidão. Uma mágoa só.

** Genivaldo Menta nunca leu ou escreveu uma só nota musical na vida, mas disse ali na nossa frente que fez mais de 300 músicas, muitas delas gravadas. E para provar cantou várias músicas. Ouvimos com descrédito porque sabíamos que eram composições de Ivon Cúri, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e outros – esses, sim, sucessos da música popular brasileira. Ivon Cúri então nem se fala: adorava cantar um xote com a voz maviosa de Maurice Chevalier. “Agora, disse Genivaldo Menta, me mudo de vez para o Rio de Janeiro, a Capital Federal, a Capital do Sucesso. Para ser famoso!” E foi.

Do resto tudo é notícia acumulada: Fulano morreu, os loucos e assumidos, nova sexualidade, literatos, quem foi ali e nunca mais voltou, Sicrana perdeu-se, os Almeida ficaram ricos, todos ou quase todos o acompanharam, menos Beltrano que roubou, roubou, para ser, enfim, também roubado pela mulher e pelos filhos que são e não são dele. Para enterrá-lo de vez a família encheu-lhe de processos e liminares, secando a fonte por completo. Ah, alguém da família foi internado como louco...

** *“Pode crer. As histórias são pegadas paralelas. Tudo que você viveu com tanta intensidade poderia ter sido aqui. Se não foi é mero detalhe, porque participamos das mesmas passeatas quando estudantes e fomos fichados pelo DOPS. Aquelas estradas são ainda de barro e piçarra, longe de chegar o asfalto, as faixas brancas. Lembro também das fazendas de cerca branca e gado nelore passando rápido pela janela do ônibus. Era eu retornando ao meu mundo pequeno da província. Quanta gente percorreu o caminho de ida e volta ao exílio.”* Lucíola me dá as notícias assim esparsas mesmo, em doses homeopáticas pensando me livrar das fortes emoções, de enfarte ou da lágrima. Mas ela mesma não engole o soluço.

As choupanas estão ali, rebaixadas, iguais, paredes de sopapo, telhados de piaçaba, onde pessoas baixas e magras moram, na mesma redondeza do

escorpião. Se as janelas permanecem cerradas é para evitar a poeira malvada que as rodas dos caminhões trazem, pó finíssimo que vira lama ao primeiro aguaceiro de caju. São casebres corridos, construídos em ruas irregulares, porta e janela, tristes, que parecem habitados somente por passarinhos e aranhas caranguejeiras. Mas ali tem gente, sim senhor.

"Tanto en realidad como en sueños, recorro los camiños sinuosos, las curvas graciosas y naturales que parecen vigilarnos al pasar en cada esquina, as casas que un día acogieron el dolor, los secretos y as alegrías. Escoito correr a auga do río, que se escacha monótona e lonxana contra as laxas. Encamiño os pasos á capela, toda branca e pequeniña, co Santo Domingo de pedra asentado nunha peana sobre a porta, mirando para a carballeira e para o torreiro. Casas hechas añicos por o abandono, pero ricas en su historia, com os tellados requebrados e oscurecidos por o tiempo. Reixas redondas de ferro impíden o paso, pero déixan ver todo o interior. Dentro hai un frescor reconfortante. Un rebulicio de mocidade móvese por toda a carballeira. Busco asento no muro cara a cara ó val e vou deixando que a noite tape as liñas suaves da chaira, dos montes, das casas. É noite. Pasa o tempo. Estou vivindo un intre de paz, que rezuma dende aquí unha dozura profundísima e sinxela". [Trecho da carta, misto de espanhol e galego, que Pepe Díez deixou comigo para levar à Galícia. Ele nunca não pôde retornar à sua terra, por isso cismou que um dia eu iria lá. Nunca fui.]

O sol arremessa todo o hálito de verão sobre o telhado de amianto. O enterro segue branco, com tantos carros que a fila se perde na curva. No cemitério são as famílias que choram cada qual seu defunto. A vista dói, arde a testa. O cheiro das velas acesas engana o olfato, não é murta, não é incenso. O calor treme. Para os jogadores de damas apenas o tabuleiro vive. Quem morreu? Quem deixou de morrer? São todos responsáveis pela casa vazia. Pelos corredores descalços, sem tapete, assoalho silencioso. Aliás, está tudo uma calada só, nem os espíritos ousaram permanecer na terra. Passou a última viatura da carreata e a poeira enfim assentou sobre o asfalto doído.

** De história de gente que morre por amor só tive conhecimento através de romance, novela de TV, filme, coisa de ficção, nunca de verdade. Pois a ficção se tornou viva na frente de nossos narizes. Vanildo e Inalda nasceram com diferença de meses, as mães amicíssimas passaram toda a gravidez conversando, freqüentando a mesma ginecologista, fizeram junto o pré-natal, as ginásticas, as dietas. Passaram juntas as fases de desejos impossíveis, de vômitos, enjôos, cismas. Amamentados, criados assim, próximos como gêmeos, no mesmo jardim de infância, na mesma escola, faziam dever de casa juntos. Na época em que o amor penetra na alma, Vanildo e Inalda se apaixonaram. Aí tudo gorou, virou de água para vinagre. Porque tinham outros planos para os filhos, os vizinhos se tornaram inimigos, brigaram, nunca mais trocaram nem um *bom dia* sequer. A tragédia aconteceu, mas foi tão triste, tão triste, que nem vou contar...

Viu aquelas crianças? Não são doidas de se separar de seus brinquedos por causa de um féretro. São moradores das redondezas do cemitério e estão habituados com esse movimento lúgubre. Mas cada qual fica na sua. A bolinha de gude, o papagaio, o aro de bicicleta, o patinete. Os outros ficam sentados no meio-fio vendo as meninas pular corda, saltar elástico e jogar amarelinha. O enterro só interessa quando o caixão é bonito ou tem muito carro cintilando o arco-íris do aço ao sol. Já que todos se foram e antes do futuro chegar, posso lembrar uma outra coisa do passado. Quero dizer, das gentes que aqui habitaram quando a tribo arrebanhava tantos amigos, parentes e vizinhos, que não tinha conta. Será que em quatro ou cinco linhas se pode resumir uma vida? Ou em seis ou cem páginas?

** As irmãs Maria José Silva e Maria Santa Silva não se casaram. Viveram de plantão na vida vendo as coisas acontecerem, mas de maneira nenhuma eram parasitas. A atividade delas junto à comunidade impressionava. Quando exigidas, nas enchentes da favela, dobravam os esforços. Na seca, na fome, agiam como um batalhão. O socorro era imediato, nada faltava, roupas, remédios, tudo era suprido, tudo tinha solução. Mobilizavam entidades, TV, rádio, casas, religiosas, ricos e pobres. A própria igreja não dispensava a preciosa colaboração. Fora isso elas se tornavam invisíveis, em santificado mutismo. De manhã cedo, sozinhas no quintal, voltadas para o nascente, dedicavam ao Sol uma oração. Rezavam como monjas, persignadas, contritas, o coração despojado, tão devotado à fé que nenhuma oração era mais valiosa. Quando a noite chegava o ritual se repetia: isoladas de tudo, almas mergulhadas na profundeza do cosmo, conversavam com Deus.

Não tem nada mais triste e desolado do que uma casa fechada. Está na paisagem, toda branca, telhas lodosas, paredes úmidas das chuvas, o canteiro abandonado, dado às ervas. Portas e janelas trancadas, fechadas, tristes, dobradiças enferrujadas. Está à vista mas não mais faz parte da vida cotidiana. Foi habitada e abandonada quase sem ninguém perceber, alguém sem saber tanta coisa que se passou. Apesar de tudo, antes de deixá-la de vez, sinto o ambiente vívido, como se estivesse sendo observado. Serão as crianças que ocuparão este espaço? Inocentes que sentirão na pele sensível o arranhar de presenças invisíveis? Serão os futuros moradores? A alegria, o riso, o hálito perfumado dos companheiros? Serão os velhos que na calma das noites sentirão o calor das almas benfazejas a proteger-lhes o sono?

CIGARRAS

As cigarras zuniam grudadas nos troncos espantando o calor. Soprava o sudoeste levando nas nuvens centenas de garças, mas o calor persistia anunciando um terrível verão. Um céu azul, de tempo primaveril em país europeu, de paisagem de cinema, mas muito quente. Péssimo dia, enfim, para se enfartar. E logo Rita, que seria, em todas as análises, a última pessoa a enfartar neste mundo de Deus! Todo mundo poderia enfartar, menos ela, a felicidade em pessoa, a bondade em forma de gente, solidária, prestativa. E gente assim, alegre sem medida, enfarta?

Conheci Rita numa festa e logo ela tomou conta do ambiente. Vivia cercada de toda gente e, como conversava com todos, arranjou um tempinho para falar comigo. Daí em diante nós nos grudamos o tempo todo e nasceu uma amizade de ferro. Amizade ou amor? Quantos anos? Nem sei. Muito tempo foi, porque crescemos, nos formamos, namoramos, não casamos. E por ser boa demais – por sermos feitos um para o outro – achamos de nos juntar um pouco. Mas viver juntos é para gênios e como éramos comuns nos apartamos em paz. Cada um pro seu lado, claro. E mesmo depois das separações que a vida traz, achávamos um jeito de nos telefonar, fazer contato. Coisa assim mesmo, de grude, que nem as múltiplas oposições que isso acarreta conseguem separar nem provocar ciúmes bobos.

Soubemos também ter capacidade para ouvir os problemas de lado a lado, as alegrias, as tristezas. Principalmente estas, que a gente não encontra mais ninguém ainda disposto a ouvir tristeza de outro. E as confidências de casal, que marido nem mulher contam pro outro, segredo de alcova, de quatro paredes, de cama e mesa. Coisa muita, além das barreiras intransponíveis, a paciência e bondade conseguem transfundir no outro. A vida e a morte são duas caixas eternamente trancadas: uma guarda a chave da outra.

São as cartas não escritas que trazem más notícias. Telefonemas no celular que pegam a gente na rua... *Tudo bem?* (para me acalmar). *Tudo e aí como vão as coisas?* (fingindo tranqüilidade). *Sabe, Jorge*. (reticente, reticências). *Qual é a novidade? Quem morreu?* (já sabendo ser notícia ruim). *Ninguém morreu, cara, foi a Ritinha que enfartou.* (ficava puto quando a chamavam de Ritinha, lembrava logo Nélson Rodrigues). *Foi a Ritinha que enfartou!* (repetiu com veemência, uma porrada logo, que assim não faz efeito). *Não é possível!* (como se fosse possível proibir alguém de enfartar). *Ficou um tempo na UTI.* (logo veio resumo da ocorrência, igual a todos os enfartes). *Que coisa! Que coisa!* (endereço do hospital, número do telefone, condição atual, horário de visita, previsão de alta, etc.).

Acordei como se tivesse sonhado pesadelos. Acho que até gritei porque a cabeça me doía. E no sonho havia gatos, muitos gatos, gatos sobre a cama, gatos

no teto, gatos nas paredes. Gatos silenciosos que me olhavam acusadoramente como se eu fosse o culpado pelo enfarte de Rita. Gato tem poder nos olhos, um olhar acusatório que deixa com complexo de culpa. Mas na verdade foram eles, os gatos, o motivo da nossa separação. Era como se eu estivesse bem ali. Mas não estava. Depois que nos separamos procurei uma cidade pequena no nordeste e fui dividir a vida com a praia, siris, peixes, caranguejos.

Tudo começou com um gatinho cor de fogo condenado à morte pelas crianças da rua. Brincavam com ele como se jogasse bola. Atirando-o de um lado para o outro, chutando-o, jogando-o na parede, na calçada. Fui ver de que se tratava a algazarra e mal abri a porta o gatinho passou por entre as pernas de Rita e sumiu para dentro de casa. Os moleques reclamaram um pouco, mas logo arranjaram outra ocupação.

O bichinho estava castigado, sangrando numa das orelhas, mancando numa das patas, arranhões por todo o corpo. Rita cuidou do bicho com carinho, passou mercurocromo nas feridas, deu um pires com leite e ele se recuperou por completo. Foi ficando e atraindo os companheiros. Era brincalhão, todos gostavam dele. Veio um, mais outro, outro que estava ferido, uma fêmea prenhe, formando uma gataria de respeito que em pouco tempo principiou a interferir na nossa vida. Além da presença incômoda, os bichos ficaram fora de controle, pêlos começaram a flutuar pelo meu computador, enchendo o teclado, penetrando invisíveis na impressora, manchando o papel – uma loucura enfim.

Nem toda bondade do mundo agüenta tanto gato. E porque sujavam meus papéis, arranhavam e comiam os livros, brincavam com meus CDs de um lado para outro, cagavam no velho, encardido e insubstituível sofá, pensei cá com meus colhões: ela não pode viver sem os gatos, eu não posso viver sem meus livros, ela não pode deixar de ser boa com todos, eu não posso largar o computador nem a internet.

Em resumo: nós não podemos viver sem o outro. Parece muito *zen* não é verdade? Porque também não podemos viver juntos. Acreditem. Tudo estourou quando um gato que nem quero saber qual destruiu meu CD “Passion”, de José Carreras. Transbordou, melou. Um minuto depois estava arrumando minhas coisas puto da vida. Meias: *“È triste il mio cuor senza di te”*. Cuecas: *“Che si lontana e più non pensi”*. Gravatas: *“A me, dimmi perché”*. Shorts: *“Fai soffrir quest’anima che t’ama”*. Calças: *“E ti vuole vicin/ Sei tu la vision che ogni sera”*.

Cada peça que colocava na mala lembrava uma frase de “Tristesse”, letra sobre o Estudo opus 10, número 3 de Chopin, uma das canções que jamais escutaria de novo:

“Sognar fa il cuor che nell’amore
Spera, ma è un’illusion
Più da me non tornerai
Forse un’altro bacerai

Mentre triste vola la canzon
Che canto a te
Solamente a te
Dolce sogno d'or
Questo vuole il cuor
Triste senz'amor".

Por isso a despedida foi ao som do zunido das cigarras, só uma lágrima para tantos adeuses. As garças voavam para o sul sob um aguaceiro de lágrima que acabou por contaminar os amigos, alguns com defecções terríveis. Lastimáveis batalhas entre eles, um eco tão impensável e terrível. Como a destruição em cascata que provocam os tremores sísmicos. Como o câncer que só dá na mulher do vizinho... Enfim foi bom para a produção individual de cada um: ela lá com seus gatos e a Sociedade União Internacional Protetora dos Animais, eu aqui tratando de artigos diários para a imprensa, de livros para editoras. Além do mais, fundamos eu e amigos uma editora pequenina, vaidade própria que cuido com um gosto tarado, a ponto de examinar um a um os originais que nos são enviados por escritores de todo canto.

Para fazer tremer a paz que eu estava desfrutando (que transmitia a ela através de e-mail), Rita, contando com a minha compreensão infinita, me relatava coisas sobre seus novos namorados, incluindo alguns detalhes que – confesso sinceramente – não me interessavam de modo algum. Deixava-me intrigado quando vinha com essas histórias. Que prazer sentiria em me contar? Por que ela insistia em detalhar casos que já haviam recebido o meu repúdio mais de uma vez? Acho que sabe que isso me magoa, mas continuava com a cantilena. Talvez eu também a ofendesse quando contava dos meus prazeres e alegria de estar realizando o sonho de uma vida trabalhosa, mas tranqüila. Paciência, paciência, me calava ao telefone e deixava-a discorrer à vontade sobre tudo e todos, até que se cansasse.

Depois me dedicava aos trabalhos que mandavam para apreciação. Agora, por exemplo, me afundava num texto complexo e difícil, particularmente pelo tema – que pode ser levado a sério ou não, dependendo da cabeça de quem o tem. Recebi o trabalho assim como se fosse de encomenda, a pedido de um amigo, sobre outro amigo que escrevera um ensaio sobre a hipótese de se construir uma sociedade onde as crianças tivessem educação esmerada e completa – que incluía arte, cultura, trabalho e esporte (todas as atividades!), desde os primeiros anos de vida. Educação essa, naturalmente, bancada pelo estado. Não fosse pedido de amigo, que não ousaria decepcionar de maneira alguma, teria dado uma estrondosa gargalhada (como, aliás, dei assim que fiquei sozinho). Enfim, pensei, nada que uma leitura de "Mein Kampf" de um sujeitinho chamado Adolf Hitler não possa resolver.

Agora todas as notícias convergem para o enfarte. Antes de sair do hospital, onde fez uma angioplastia, eram as amigas que davam notícia. Um dia depois de receber alta Rita já atendia ao telefone. Evitei – claro – aquelas frases

tipo eu não te falei e coisas assim. Mas, conversa vai, conversa vem e não resisti. Gritei de supetão: *“EU NÃO TE FALEI? Odeio falar essas coisas, porque detesto novela de TV. Tenho raiva de chavão, mas lembra da última vez que nos vimos? O que falamos? Você estava muito nervosa. E não só com os problemas normais. Não só com o consumo excessivo de cigarro. Era mais coisa desses bichos, eles estraçalharam teus nervos. Como você foi inventar um negócio desses? E agora não pode se livrar da tantos gatos? Os gatos ficam e você vai...”*

Foi Rita que me levou ao aeroporto. As garças voavam para o sul. Estávamos no apartamento dela, eu com malas arrumadas, passagem no bolso, só queria passar os últimos momentos perto dela. Ela foi ao banho, passou de toalha na minha frente e foi se vestir. Fui para a janela ver as cigarras chiando, grudadas nos galhos invisíveis e também tirar da cabeça muitos desejos. Amigos. Amigos. Da janela dava para ver uma réstia do quarto, onde Rita se arrumava. E da fresta um bem abençoado espelho refletia pedaços dela. O corpo nu passeava no quarto, se enxugando, pegando peças de roupas, se penteando. Os seios fartos balançavam fazendo um bale com os bicos negros. Era uma bonita mulher. Cheia de carne, sem ossos a mostra, ancas ondeadas, quadris generosos. Uma excelente candidata à mãe.

Na despedida ela não chorou. A demonstração se limitou a vozinha triste, um certo desânimo, suspiros. Eu senti menos porque sabia das minhas necessidades: ou faria a viagem ou todas as portas do futuro se fechariam de vez. No fundo, no fundo, eu odiava era ter que cair no mesmo engodo, ser atraído para a mesma armadilha da solidão que, afinal, está ali na espreita de todos nós. Enfim, se eu não fugisse de perto de Rita acabaria tendo que casar com ela. Isso estragaria a amizade e me transformaria também num criador de gatos. Esse era o terror real que me impelia para longe dela.

De outra feita que telefonei, ouvia uma certa algazarra ao fundo. *“São as loucas da minha rua. As amigas que estudaram junto comigo. As sobreviventes. Elas vieram cobrar a aposta. Imagina: eu perdi. Tínhamos apostado quem seria a primeira a capotar, a baixar hospital, a ter um problema de velho, enfim. Eu perdi. Logo eu, que era a do meio, não tinha tanta idade! Todas perguntaram por você”.*

Falava com alegria. Realmente era uma turma unida. Conheci algumas das colegas de Rita, que vieram desde a infância, atravessaram a adolescência com ímpeto. Ia dizer com *ímpeto juvenil*, mas é uma redundância absolutamente desnecessária. Encararam unidas todos os problemas da juventude: complicação em família, estudo, namorado, cigarro, bebida, droga, gravidez, aborto, filho, separação.

Agora, na fase adulta, todo mundo colecionava uma tonelada de outros problemas e se viam em ocasiões assim. No cemitério, em algum enterro. Nos hospitais, visitando parentes. No casamento dos filhos. Longos telefonemas de aniversário, de fim de ano – ou aqueles em que a solidão deixa à beira do suicídio – que davam lucro para a companhia telefônica, mas salvavam vidas. Volta e meia

dava uma loucura em alguma e combinavam um encontro só para se reverem, para lembrar os velhos tempos, por a saudade em dia. Eram ocasiões agradáveis, mas sempre faltava uma ou duas amigas. Problemas maiores, viagem, impossibilidade fatal. Agora foi a vez de Rita reunir as colegas e receber delas uma enxurrada de afeto.

Rita foi ficando boa, voltando à atividade normal e com isso meus telefonemas também foram escasseando. Já não falávamos coisas importantes – o enfarte saíra da pauta – também ela não se animava mais a contar sobre namorados e amores. Notei certo desdém na voz e senti que agora a demonstração se voltava para provar que não precisava de mim. Falava muito dos gatos. *“Eles são agora minha única e fiel companhia”.*

Talvez, ao contrário do que ela esperava, não corri para o seu lado quando enfartou. Não fiquei desesperado, procurei me tranqüilizar antes que os problemas dela me atacassem de vez. Outras vezes tive que recorrer ao bromozepam para poder dormir. Desta vez não foi por falta de querer, apenas resisti à tentação. Melhor, os gatos, que ela tanto ama, me deram força para resistir. Ontem, cheio da saudade que me angustia na madrugada, liguei para saber notícia dela. Rita me pediu para ligar mais tarde, porque uma gata havia parido uma ninhada naquele instante e não podia me atender.

As cigarras zumbiam frementes, as garças voavam para o sul em busca de melhor clima.

FALAVA COM OS MORTOS

"Pois quem fala em outra língua não fala a homens,
senão a Deus, visto que ninguém o entende
e em espírito fala mistérios".
Paulo, Epístola aos Coríntios (I, 13, 3)

A casa de dona Honorina na Rua Bela não tinha portas nem mais janelas para suportar o mundo de gente que corria para assisti-la. Bastava alguém avisar, logo a notícia se espalhava pela redondeza e adiante. Todas as bocas só tinham fala para anunciar: "Dona Honorina está falando!" E pronto, a notícia atravessava os recantos chamando, juntando gente e mais gente. Como ocorreu? Ninguém sabe, nem ela. A primeira vez foi como um trauma, uma pancada, um acidente, algo que nem ela jamais soube explicar. Como num passe de magia Honorina se sentiu invadida por anjos e demônios inconsoláveis. A eles serviu, ou foi servida, ou as duas coisas juntas. Mistério.

O que dava nos sentidos, o que pôde perceber, é que a coisa vinha de princípio como uma dorzinha, fina, incômoda, transparente, ascendendo da espinha para a nuca, trazendo uma sensação esquisita, como se uma agulha muito fina fosse enfiada na alma. Depois sentia como que a alma, o espírito, largasse o corpo deixando-o livre para quem quisesse tomar posse, aí Honorina perdia completamente o controle sobre si. Tudo que ocorria só sabia depois, quando vizinhos e amigos contassem. Do mesmo modo que entrava no túnel profundo que era o transe, dele também saía: sem nada saber. Caía numa sonolência igual que dava o extrato de maracujá e a camomila que tomava para insônia e quando acordava estava cercada de gente curiosa cheia de perguntas para as quais não tinha resposta. Sufocava até.

Logo a fama correu pelos vizinhos, isto é, fama que dona Honorina falava com os mortos. Ora, quanta gente tinha e tem nesse mundo que gostaria de dar uma última palavrinha com aquele que se foi? Sabe como é, ficou aquela dúvida, mentira ou verdade, a desinformação onde o quê ficou escondido, o quanto, o como, o porquê, a esperança de achar algum dinheirinho guardado, que estes tempos difíceis não tornam nunca a questão esquecida. Essas coisas.

O mais importante é aquilo que ficou calado no fundo do coração. Traidor ou traído? Pior ainda, os pirralhos que começavam a aparecer na redondeza com o sobrenome do finado. Tudo isso e outras coisas que todos guardamos bem dentro, dentro mesmo principiam a aflorar, brotar que nem água da nascente, coisa que nem mesmo se queria saber ou ouvir. Por isso dona Honorina ficou importante da noite para o dia. E respeitada.

Na sala da casa onde família e vizinhos se reuniam para ver a novela, de repente dona Honorina se descontrolava, saía o olho do vídeo para ouvir a voz dela transmudada em uma, duas, três até. E lá ia o índice IBOPE da novela para o

brejo porque algo mais importante se impunha: era dona Honorina falando com os mortos, ou vice-versa. A voz mesmo era outra, ou outras, porque dona Honorina falava por um, por outro, quem sabe por quantos mais. A fala era brasileira, mas já houve quem ouvisse um bláblábla pior do que grego ou grunhido de porco. Alemão? Russo?

Outro dia – justamente o dia que nos interessa –, estava lá a Vivinha, vizinha de porta, amiga de colégio que nem mais dava importância às falas de dona Honorina tantas já presenciara. Gostava mesmo era de ficar por ali, ser apresentada como a melhor, a mais íntima amiga – que isso era mesmo – dar entrevista para depois se ver na TV, se ler no jornal, rir das coisas que disse e que não disse. Se aparecia em fotografia, melhor ainda, era recorte para os guardados. Já tinha dois.

Depois que apareceu o repórter da TV e saiu no jornal até gente de fora vinha para ouvir dona Honorina e não tendo onde se hospedar ou ficavam dentro dos carros ou aceitavam um quarto vazio em troca de pouco aluguel. Dona Honorina, por si só mesmo, nem se abalava. Continuou a mesmíssima pessoa, não deu bola para o que diziam e estranhava que se despertava no centro de tanta gente. Ia ao mercado, à missa, rezava mais e mais se confessava pensando estar cometendo algum pecado. O padre aceitava, dando tempo ao tempo, tudo se dissiparia. Só isso, não mais...

Entre a gente que chegava, é claro, logo aparece um filósofo de merda, aquele que gosta de aparecer e se julga o sabedor de tudo, dono da verdade. Não só se julga o dono da verdade como a expõe e divulga, tal se fosse o autor da baboseira que jura ser verdadeira. Foi um desses que logo determinou que dona Honorina não falasse com os mortos, antes, pelo contrário, os mortos é que falavam com ela. A alegria que é figura relâmpago aparece e logo some deixando o trovão. Pois outro dia estava lá a Vivinha, vizinha de porta, amiga de infância, distraída entre a fala de dona Honorina, os beijos do maridão grudado a seu lado, surda para o filósofo de merda, dona das cenas da novela, quando se ouve uma voz máscula sair dos lábios de dona Honorina. Justamente o que interessa:

– Vivinha, Vivinha.

A princípio todos se admiraram, porque era a primeira vez que dona Honorina havia se referia à gente tão próxima, tão próxima dela e de todos. Só pela voz mesmo ninguém se abalou, porque já tinham ouvido mais uma voz de homem se representar através de dona Honorina. Era até comum. Mas como repetia o nome da amiga conhecida, famosa, houve um rebuliço pela sala. Quem estava longe ficou mais perto, quem estava perto se aproximou mais, grudou no parapeito, se apertou na porta. E silenciou.

– Vivinha, Vivinha, como vai?

A voz era estranha para todos, menos para Vivinha. Para ela era uma voz muito, muita conhecida, tão conhecida que varava os umbrais da intimidade, porque muitas vezes a tinha ouvido. Mais vezes do que desejaria e desejou ouviu a mesma voz soar no seu ouvido, deitada na cama, fumando de prazer: era o amásio! Sem dúvida alguma era a voz de seu amado inesquecível que enchia não só o ambiente da sala, mas atravessava cortinas e portas adentro, flutuava na noite como um chamado amoroso atraindo toda a vizinhança. Era Ferreira!

– Vivinha, Vivinha, sou eu, sou eu...

A voz tentava se fazer conhecer e conseguiu. Pois Vivinha tremeu e tremeu tanto que o braço do marido Carmelo, que continuava a seu lado, também tremeu, tremeu o sofá, o assento dos ocupantes tremeu. Quando o seu nome ressoou da boca de dona Honorina para o mundo, Vivinha parou de tremer e simplesmente ficou branca e fria como um pedaço de gelo. O marido ao lado já estava em alerta, lábios secos tremendo. Vivinha quase perdeu o sentido.

– Vivinha, Vivinha, estou com saudade.

Quando o nome de Vivinha foi pronunciado repetidamente, logo ela que era a vizinha amiga e querida de dona Honorina, o silêncio ficou maior que o som da TV, a atenção de todos se voltaram para o sofá. Vendo que a coisa agora cheirava a fofoca, notícia para reportagens indiscretas, até os jornalistas com suas câmaras inseparáveis se moveram rapidamente para focalizar a tão famosa citada. Alguns flashes espocaram iluminando a sala com relâmpagos breves. Somente aquelas fotos poderiam entrever os olhos de Vivinha, na dúvida de escolher as lágrimas, como estivessem prestes a chorar, ou repetir os risinhos de alegria que provocavam aquela voz amada. Ficou no meio.

– Vivinha, Vivinha, meu amor, é o Ferreira.

A voz de dona Honorina soava macia, amorosa, voz de Rodolfo Valentino, de Carlos Gardel, voz namoradora, de cantor de seresta. Essa voz que saía agora igualzinho e no mesmo tom da voz que Vivinha ouvia cantar hinos de amor e de gozo, voz transmitida pela boca de anjo, mas com a língua molhada e quente do demônio, metida lá bem dentro do ouvido, revolvendo arrepios pelo corpo todo, fazendo desaguar todo um rio de água doce pelas pernas. Numa reação espasmódica, Vivinha encolheu as pernas, apertou as coxas. E esperou.

– Vivinha, Vivinha, meu amor, é o Ferreira, vem, estou te esperando.

Em seguida ouviu a mesma voz de veludo preto cantar a sua canção preferida, terna, louca, apaixonadíssima. E nada mais se ouviu, além do respirar tenso dos presentes e de um suspiro morto de Vivinha. Dona Honorina calou e ficou ali no centro da sala, apagada como a cinza de carvão. Tentaram falar com ela alguma coisa, os repórteres pediram entrevista, a TV anunciou no jornal nacional, mas dona Honorina nem por isso se dignou abalar. Muda estava, muda

ficou, fechou-se como uma geladeira. Do lado de Vivinha a coisa não foi a mesma, nem poderia, o próprio Carmelo já não resistia a tanta pressão e seu rosto a princípio rubro logo ficou roxo, vermelho, azul e de novo roxo. Apopléctico.

Quando dona Honorina sentiu o corpo e a alma bem mais leve, livre do compromisso de falar por gente que ela nem conhecia bem, emergiu lentamente do transe. Logo voltou ao normal, a cor, as faces rosadas, úmidas de suor. Olhou em volta procurando a multidão, que sempre a deixava mais nervosa ainda, mas não viu ninguém. A sala era um deserto só. Dona Honorina acordou do transe no meio da noite solitária, coisa que pouco tinha acontecido. Nem as crianças que costumavam dar para ela um copo d'água bem gelado no fim das sessões ela não encontrou. Só ela e a noite.

Cadê os repórteres? Os fotógrafos, para ver as fotos que mostravam como ficava no transe? E as câmaras de TV? Nada, nada, a casa era um deserto solitário, sem água. Nem uma viva alma que pudesse informar o que havia acontecido. Não permita meu Deus, implorava dona Honorina, que tenha sido eu a responsável pela guerra entre Bush e Saddam... Não, não era, mas havia guerra pior.

Na casa de Vivinha era o oposto, um rebuliço de lágrima, grito, um choro sem fim, movimentação de repórter, luzes e câmaras de TV, notícia ao vivo, a polícia se fazendo anunciar, trombetas e sirenes ao longe. Um sufoco que foi logo transmitido para a casa de dona Jorgina, assim que souberam que ela havia despertado do transe. Quem chegou com a notícia foi o moleque Ricardo, filho da Nina, que tinha por costume repetir os recados para que não se perdesse. Repetiu:

– Dona Honorina, dona Honorina, acorde, acorde, seu Carmelo matou dona Vivinha, seu Carmelo matou dona Vivinha.

Honorina suspirou um soluço, desmaiou. Depois se deu conta da catástrofe e deitou muitas lágrimas pela perda da amiga. Estava enfim à vista de uma desgraça, que sempre sentiu ativa e presente, desde quando começou a se perder nos transes. Aquilo que parecia coisa de Deus, um dom, agora se transformava em cena do Demônio. Por isso não aprovava, mas era impotente para evitar, apenas se sentia mais leve, sem alma, como se colocasse à disposição de outrem para servir-se de seu corpo, da sua voz. Morreu algo dentro dela.

Fechou as janelas, a porta, casa toda se acomodou no silêncio, igual acontece sempre quando morre alguém. Ajoelhou para rezar uma ladainha, depois, cercada num ataúde de travesseiros macios, tomou dois copos de maracujina e se deitou esperando pelo menos dormir o sono dos insatisfeitos. No dia seguinte foi ao enterro de Vivinha, rezou na missa, confessou-se ao padre e a Jesus, prometeu nunca mais entregar o corpo nem a boca para servir de teatro e microfone para alguém que, por desígnio de Deus, teve a alma condenada a

expiar coisas terrenas. E ninguém mais viu dona Honorina abrir as portas e janelas da casa. Ficou só.

Muito tempo depois, Honorina voltava ao hábito da vida rotineira e pacata. Saía para ir à missa, fazer compras na feira, socorrer-se na farmácia de um ou outro remédio para os males que as mezinhas não curam, tais eram os costumes da circunspecta Honorina. O tempo também trouxe para o povinho da redondeza o esquecimento, livrando Honorina de um passado cujo peso incomodava. Agora nem sabiam mais explicar porque as janelas e portas da casa de dona Honorina estavam sempre fechadas. Porque é uma velha solitária – diziam – e todos se davam por satisfeitos. Assim foi.

Foi assim: ninguém assistiu ao último contato que Honorina fez com o além. Estava sozinha regando as plantas do quintal, quando a velha dor na nuca ressurgiu trazendo junto o mesmo frio na espinha, as mesmas lembranças que amargaram sua vida. Tentando se livrar do fardo correu para o quarto escuro, mas já era tarde: as vozes estavam de volta. Livrai-me meu Deus dessa coisa, desse Demônio, principiou a rezar. Mas a dor fina incomodava em sua transparência, subindo da espinha para a nuca, trazendo aquela sensação de agulhada, a espada fina se enfiando na alma, castigo, penitência, paga de pecados e erros cometidos contra o Deus todo poderoso. Depois sentiu o espírito largar o corpo, deixando-o leve, solto, perdido. Punhal.

– Vivinha, Vivinha, meu amor, meu único e eterno amor.

O quarto encheu-se de suspiros e ruído de lábios molhados. Entre um *Vivinha* e outro se sentia o farfalhar de roupas, o perfume misturado de flores do campo, a voz era a voz de Ferreira e soava macia, densamente amorosa, voz de galã de novela, de cantor de samba-canção, voz namoradeira. A essa voz veio juntar-se a voz de Vivinha, melhor, o riso de felicidade de Vivinha. Coro dos hinos de amor, dos cânticos de prazer e gozo, voz sentida como asa de anjo. Os ouvidos aguçados apuravam os mínimos sons ditos com a língua molhada, quente, metida dentro do ouvido, revivendo os mesmos arrepios, fazendo desaguar uma cascata de água doce entre as pernas. Vivinha vivia.

– Honorina, Honorina, aqui estamos eu e o Ferreira. Logo, logo deixaremos você na paz que buscou para amargurar a solidão. Nosso estado atual não permite privar da sua companhia, mas precisávamos vir uma última vez só para agradecer. Agradecer por ser você a responsável não pela minha morte, mas pela minha segunda vida, pela felicidade de reencontrar o Ferreira e viver com ele eternamente. Também para tirar o caminhão de peso que você imagina carregar por ter provocado a minha morte. Ao contrário, querida Honorina, amiga eterna, você me deu outra vida mais feliz e por isso agradeço, agradecemos, não é Ferreira? Obrigado minha amiga, obrigado...

– Vivinha, Vivinha, meu eterno amor...

– Ai Ferreira! Ui Ferreira, me larga meu amor, meu único e eterno amor.

Honorina riu. Ferreira continuava o mesmo impetuoso de sempre. De novo se fez silêncio, Honorina pôde lembrar do quarto cheio de suspiros, das palavras de amor trocadas entre Ferreira e Vivinha imitando capítulo de novela. Honorina sorriu ressentida, agora sim, da leveza insuportável. Agradeceu poder sentir de novo o carinho de Vivinha, o riso de felicidade de Ferreira, o agradecimento emocionado de Vivinha, mel para os ouvidos, o atrevimento desmedido de Ferreira. Trouxe alegria e também felicidade. Felicidade.

Os ruídos de lábios molhados, o farfalhar de roupas desnudando corpos, o perfume misturado de flores do campo, nada mais a incomodava. Agradeceu aos céus poder ouvir de novo a voz de Ferreira, mansa, amorosa, voz de galã namoradeiro, recitando o amor em palavras bonitas para sua amada Vivinha. Como explicar? Pois agorinha mesmo, depois de ouvir o sussurro das vozes que muitas vezes outrora ouvira, escondeu só para si o segredo e sentiu-se banhada de uma felicidade muito especial: a felicidade alheia. Invadida por essa paz inesperada, rezou. Rezou.

Honorina tinha por resolvido de vez que, agora sim, podia descansar em paz consigo mesma, sem necessidade de contar nada a ninguém, nem mesmo ao padre. Tudo o que passou nem havia demorado um mês virou um turbilhão, tempestade, furacão. Mas agora era água mansa de lago, arrepiada apenas pela brisa da tarde. Ela descansou.

O GUARDA-ROUPA DO DEFUNTO

Quando cheguei Mana estava no quarto, sentada na cama arrumando as roupas do finado. Nós nos cumprimentamos com os beijos tradicionais, mas eu evitei perguntar como estava passando, hábito difícil de controlar. Era evidente que não estava bem, apenas ela cumpria um ritual ao mesmo tempo danado e prazeroso, dependendo do que viesse à mente.

Os olhos ora ficavam úmidos, ora vermelhos, também brilhavam às vezes, traídos por alguma lembrança mais forte. Separava roupas, dobrava uma, alisava outra, tentando se lembrar de qual momento a peça era mais representativa.

– Te chamei pra ver o que pode te servir, depois vou distribuindo conforme a necessidade dos outros.

– Ora Mana, não precisava fazer isso tão pronto. Deixasse para depois...

Ela ouviu o comentário calada. Na hora não replicou, mas pouco depois comentou que, de qualquer forma, era bom ir apagando logo a memória das fases ruins e coar só os momentos bons do casamento.

Acabamos de enterrar seu marido na véspera. Ou ex-marido, porque na verdade o casal não vivia mais junto, de qualquer forma, o casamento permaneceu no papel. Mana jamais perdeu a esperança de que ele voltasse e desistiu da separação oficial, além daquela natural, de carne e corpos, que já existiam.

Todo o resto ela consentiu que ficasse igual: o quarto do casal, as roupas que ele largou para trás, as comidas congeladas que preferia fazer, a cerveja na geladeira, o bar carregado de várias garrafas de cachaça com ervas, licores jamais usados (detestava), litros de uísque pela metade.

– Enfim, disse ela, parece que foi um alívio. Dá a impressão que Alfredo por fim voltou, determinado a reparar o erro. Quer dizer, não parece que arrumo a mala para uma viagem? Estas roupas, você vê? As roupas, os calçados, as meias, tudo não parece tão novo? – Agora delirava, é certo.

Já conhecendo outras situações idênticas, deixei que devaneasse à vontade. Pegava as roupas, uma camisa, estendia os braços colocando-a aberta nos meus ombros, cuidadosamente, como se experimentasse, mas via mesmo era a figura do marido vestindo-a, não a minha. Sorria e me beijava. Traçava os gestos com comentários, essa aqui vai ficar bem em você... Sorria e depois me falava sério, como me repreendendo pelo passado.

– Vê se agora não some e vem me ver mais vezes, não do jeito como fazia, para pegar Alfredo e sair pelos botequins para beber cerveja, comer carne seca e outras porcarias, que é a comida de rua. Vem me ver...

Sorri prometendo mil visitas. Embora não aparentasse de modo algum afetada mentalmente, dava para ver que Mana havia parado num passado distante. Por isso nem ousar lembrar que fazia anos que eu não vinha mais pegar Alfredo, como ela dizia, porque depois que ele se separou nos encontrávamos na rua ou no botequim mesmo.

Consenti em vir vê-la mais como a cumprir um ritual. Não saberia recusar as ofertas dela, mesmo sabendo que muita coisa era dispensável e certamente eu iria passar adiante. No momento era o certo a fazer e eu tinha um dever a cumprir. Assim aceitei o teatro com naturalidade, porque Mana desde o casamento se mostrara assim: ora com os pés no chão e a maior parte da vida num patamar diferente, em outra dimensão.

– Este chinelo, será que dá em você?

– Não, não vê logo que o meu pezinho é bem menor que o de Alfredo?

Mana abriu a parte superior do guarda-roupa que estava cheio de embalagens de plástico, que algum dia tinham servido para embalar margarina, doce, manteiga, creme, coisas de supermercado. Por algum motivo Alfredo guardava todas as embalagens supondo que um dia iria precisar delas. E Mana jamais pensou se desfazer daquele entulho. Pelo menos agora acho que ela não vai guardar mais nada.

– Então Mana, acho que agora é a hora de se desfazer dessa tralha toda, antes que se transforme num ninho de baratas e outros insetos menos votados.

Com essa observação ela se apavorou. O medo de barata é uma arma contra qualquer resistência. Ela logo se animou a trazer sacos de lixos, desmanchar todo o estoque de embalagens vazias, não sem antes dizer com um suspiro:

– Será que não tem utilidade nenhuma? Porque de fato é uma pena jogar fora centenas de caixinhas de plástico juntadas durante tanto tempo, mas infelizmente nada se pode fazer. Ninho de baratas...

– Não serve para nada. Nem para vender no sucateiro.

Mana arrumou um saco para lixo de plástico e ajudei-a a limpar toda a parte superior do guarda-roupa. Agora eu suava, começava a fazer calor, Mana foi fazer um refresco de maracujá, bem apropriado, aliás. Se bem que eu preferia atacar as cervejas que Alfredo deixou na geladeira: deviam estar bem geladinhas. Ensacados os potes de plástico fiz questão de levá-los até a lixeira.

Quando voltei Mana estava no banho: "Estou aqui", gritou de dentro do banheiro. Fiquei ali, olhando as coisas de Alfredo. Lá pelas tantas, como Mana demorava, cavouquei uma papelada entulhada numa caixa de sapato velha. Tinha também várias fotografias e no fundo da caixa um envelope endereçado para um dos muitos lugares que ele ficava quando estava em viagem de serviço. Não contive a curiosidade e, para minha surpresa, vi que o envelope estava cheio de fotografias dela nua. Completamente nua e em diversas poses que se pretendiam sensuais.

As fotos mostravam uma belíssima mulher, difícil de ser identificada sob a vestimenta simples de uma dona de casa. Posso dizer que conheci Mana muito bem. Desde que ela e Alfredo começaram a namorar, formamos dois casais e saímos várias vezes. Era bonita, mas de tipo simples, as prováveis exuberâncias escondidas sob um trajar discreto.

Mesmo na praia, de biquíni, não se notava exageros, pelo contrário, Mana tinha um corpo de formas harmônicas e por isso mesmo indigno de masturbações sensacionalistas. Era assim que resumíamos os comentários de solteiros sobre nossas namoradas. Como pessoa sempre foi do tipo alegre, estudiosa que escondia uma orgulhosa cultura tradicional.

Agora o destino me fez conhecer a outra Mana, sensual, cujos seios se mostravam aparentemente maiores do que imaginados, que não tinha pudor de mostrar o sexo entreaberto pelas várias poses do tipo das que se viam nas revistas masculinas. A mesmíssima Mana que nesse momento cantarolava no banheiro uma canção melosa que exaltava amores eternos. Não pude deixar de imaginá-la sob o chuveiro e os contornos que a água corrente fazia sobre as curvas que agora estavam à minha vista.

Por um momento tive a impressão que o banho estava muito demorado, mas foi só impressão. Continuei a ver as fotografias (eram muitas), agora já completamente excitado, não só pelo que tinha nas mãos, mas também pelo medo de ser surpreendido por ela. Pude notar que as fotos atravessavam várias faixas de idade de Mana. Algumas delas, poderia jurar, eram do tempo em que ela e Alfredo ainda namoravam. Era inimaginável pensar como pude conviver com uma mulher por tanto tempo sem notar o quanto era bonita.

Mana saiu do banheiro, enrolada numa toalha e se dirigia ao quarto. De repente me senti com uma bomba nas mãos. O que fazer? Mana daqui a pouco estaria de volta e me pegaria com a mão na massa. Meti rapidamente o envelope no bolso, como a solução mais viável, fechei o guarda-roupa e esperei.

Ela chegou sorrindo, fresca. Era sim, ainda era uma mulher bonita, uma mulher que as rugas não ameaçavam a beleza. Gotas de água pingavam deixando um rastro pela sala.

– Ah, que bom. Estava precisando de um banho assim. Estou novinha, viva de novo. Vem cá para a sala, vamos conversar.

De fato o banho tinha feito muito bem a ela. Os cabelos molhados, a pele alva respingada, o corpo que mal cabia na toalha, tudo me mostrava outra mulher, uma que nunca tinha posto os olhos. Fomos para a sala: ela sem se preocupar em estar tão à vontade, eu completamente louco, sem adivinhar aonde tudo aquilo ia chegar.

– Sabe? Tem umas cervejas na geladeira que é um desperdício deixar ali.

– Você adivinha? Eu estava pensando justamente nisso. O refresco de maracujá estava ótimo, mas uma cervejinha é insubstituível. E você, Mana, ainda está numa forma de dar inveja.

Pronto, deixei escapar uma insinuação, algo que não podia ter dito, não naquele momento. Fiquei à espera da reação de Mana, já antevendo a bronca sobre “o corpo do finado nem ter esfriado”, “o melhor amigo”, entre outras coisas do gênero.

– Safadão.

Foi só o que ela disse. Dei um sorriso ao ouvir a expressão dita de forma maliciosa por Mana. Ao demais ela nem ligou e pude ver que de fato depois do banho outra mulher estava na minha presença. Também aproveitei o clima que rapidamente tinha passado de opresso para o relaxamento e beijei a mão com que ela afagou em meu rosto, num carinho molhado, antes de ir pegar as cervejas.

Fui até a estante e fiquei futucando a coleção de CD de Mana. Na maioria eram coleções temáticas. “Anos de Ouro”, “Anos 70”, assim por diante. Separei um aleatoriamente e botei para tocar. O envelope com as fotografias de Mana pesavam toneladas no bolso da calça. Ela voltou trazendo duas latas de cerveja e uma travessa com porções divididas de azeitonas pretas, três tipos de queijo, fatias de pão integral.

– Como você sabe que gosto dessa música?

Mana dançou com um par imaginário, dando alguns volteios pela sala com a lata de cerveja na mão. Em seguida me puxou pelo braço e me tirou para dançar. Logo minha camisa estava úmida da toalha e do corpo dela. Algumas músicas depois não tínhamos nenhum assunto para puxar.

O velho Alfredo descansava em paz, as latas de cerveja foram substituídas rapidamente, a música também, entardecia, a sala foi ficando numa penumbra de dar nó em qualquer situação. Antes de ficarmos bêbados, Mana me levou para o quarto. A toalha caiu.

– Você não sabe, mas eu perdi um seio para o câncer. – Mana ouviu a voz dela dizer num fiapo, longe, distante, tão distante que nem saiu da garganta.

Quando a abracei enrolando meus braços no corpo dela e senti falta de algo, pensei nos seios enormes que saltavam das fotografias secretas. Abraçava não a mulher madura, mas a namoradinha do meu amigo, a que jamais desejei e aquela outra dos retratos gravados na imaginação.

– Você também não sabe, disse só para mim, mas eu tenho você inteira, sua vida inteira, o corpo todo, em todas as idades, dentro do meu bolso.

TIPO ASSIM...

Folhas secas, caídas,
ranço dos velhos dias.
A paz beijará a pele,
a paixão não é o fim.
Salomão Rovedo, Destroços

Thalia me deu O Globo com o regulamento do Concurso Contos do Rio.

– Tio, trouxe isto para você que é, tipo assim, lunático por escrever.

Não sou chegado a concurso literário, mas a voz foi imperativa, é melhor obedecer.

O tema por si só é um labirinto espremido como o bíblico buraco de agulha: "*Se você gosta de escrever, escreva um conto com o tema A Paixão, entendida como sentimento".* Como explicar a ela que o sentimento da paixão é conectado diretamente ao amor, mas acorrenta todos os tentáculos da alma humana?

Mas escrever é uma aventura prazerosa combinada com o demônio. Então, para cumprir o destino, vamos navegar na onda do Word, eu, Thalia e Einstein, o ajudante de tela que me guarda de escrever besteiras...

– Thalia, você conhece René Descartes (1596-1650)? Ouvi a maior gargalhada do mundo.

– René Descartes (1596-1650)? Não é, tipo assim, coisa de enciclopédia? Escreve isso aí e já é um passo inteiro para não ganhar nada.

– Tá bom, Descartes, ele estudou seis paixões: admiração, amor, ódio, desejo, alegria, tristeza e deduziu que a combinação delas dá origem a todas as outras.

– Bom, já é um começo, tipo assim, para iniciar uma prosa...

– Tem um poeta que vê a paixão como sentimento breve, violento, capaz de levar a extremos: "A paixão é pecado/ como a gula, o desejo, a inveja, / feroz sentimento". Thalia se debruça sobre mim impressionadíssima. Ganho um beijo.

– Enfim – perguntou – a paixão é, tipo assim, um sentimento ou não?

– Sim e não. A paixão colada ao sexo é dramalhão vulgar que mata. A paixão pelo que se faz é irresistível, produtiva. Dona Mizica, de 93 anos, tem fome

de saber e conhecimento, é viciada em livro. Quando estudante eu era idealista, sonhava um modelo de igualdade, sem ódio, violência, discriminação. E apesar das prisões, da violência, do gás lacrimogêneo, dos amigos mortos, jamais perdi o ideal, recuso-me a capitular, sei que vale a pena.

Thalia se emociona, desloca o olhar úmido para a nesga do mar verde, as ondas quebrando, a multidão na praia. Para relaxar, roubo um beijo:

– E você, safadinha, já teve algo, *tipo assim*, amor desesperado? Ela riu o riso dessa paixão que não ultrapassa o mistério do capítulo das novelas.

– Não tenho tanta estrada assim. Escreve a história de algum amigo teu...

Lembro de Stênio, que quase morre por amor de Ritinha. Não foi uma paixão-sentimento? Ontem vi os dois agarradinhos, trocando beijos como dois namorados. Thalia sai. Está indócil. Vai se arrumar para o sol, a praia, a luz.

Stênio, amigo de fé, pedra 90, dos segredos, amor ao mar, aventuras amorosas, surf na Prainha, peixadas em Grumari, mulheres em Guaratiba. Apostamos no Jóquei, namoramos em Paquetá, repartimos alegrias, muitos amores e o chope gelado. Muitas vezes fizemos o circuito Jangadeiros, Plaza, Hi-Fi, encerrando o tour na arquibancada do Maracanã, porque ver jogo em cadeira numerada é um saco.

Tudo bem é uma história, mas será matéria de conto? Agora que a calva esfriou a cabeça, os cabelos brancos concedem imunidade, bem que poderia falar sobre minhas paixões, não as platônicas, como Gardênia, que eu namorava na velocidade do avião. Talvez sobre Anália, carnal, pecaminosa, que inaugurou um longo caminho entre travesseiros e lençóis. Ou sobre... Não, Thalia não vai gostar nada dessas lembranças.

No jornal vejo Nélson Rodrigues cercado de atores, cenógrafos, eletricistas, gente de teatro. Ninguém foi mais emotivo que Nélson Rodrigues. Era tresloucado por tudo que fazia, tricolor doente, escritor doido pela escrita, amante amado pelas mulheres, cronista louco por futebol, explorador da vida conhecida e desconhecida, esquartejador de traumas, dos dramas familiares, violentador das fraturas sociais.

– Este outro – Thalia voltou enrolada na canga – é Glauber Rocha, baiano maluco, se lascou pelo cinema, pela terra, pelo Brasil, pela liberdade. Noutra página, nosso romancista maior, Machado de Assis, desbravador de emoções graves.

– Ah tio, Thalia diz entre carinhos molhados, escreve, tipo assim, alguma coisa do gênero, inventa poxa! E acaba logo que o sol não espera.

Aquele eterno garoto, de aparência irresponsável, carregava consigo o ânimo de viver. Na molecagem, no estudo, em tudo era um pivete, um artista e jamais será gente grande. Gostou de Ritinha sem se importar se era pobre ou rica, se tinha cultura ou não. Gostou dela e bancou a festa de casamento, o apartamento, tudo. Também, quem iria resistir àquela morena gostosa de olhos azuis? Sim, mulata de olhos azuis, raros e azuis!

Mas a vida não foi fácil entre acertos e desacertos detonados por esse amor exacerbado, quase dá em tragédia. Como amigo tive de agüentar trancos, triste por vê-lo subempregado e Ritinha fazendo bico acompanhando idosos, coisas que só o amor, a coragem fazem suportar. Stênio aumentou o consumo de álcool, dos baseados, começou a cheirar coca. Perigou. Para não destrambelhar tudo, fiquei colado, de guarda.

De repente me veio a lembrança daquele dia em que nos encontramos em Copacabana, céu limpo, muito azul, dia quente, gente assim na praia, nos bares, tomando chope, mulheres desafiando a beleza da paisagem, o melhor da cidade e da vida! Stênio chegou arrasado, branco como defunto, pálido como um tísico poeta romântico.

– Tio, tipo assim, quanto tempo leva para fazer um continho de nada? Thalia fala com o sorriso dourado das sereias e caminha para lá, para cá, como quem diz, pô, para que fui dar essa idéia.

Ritinha deu para freqüentar espiritismo. Uma noite ela chegou trêmula, nervosa, à beira de um ataque de nervosismo. Stênio quis saber o que era. Ela tremia, branca, alma penada, fantasma. Gritando e chorando, semblante sombrio, correu para o quarto, atirou-se na cama em estado convulsivo “Fui me consultar e meu conselheiro espiritual falou que a situação tá grave e vai ter suicídio na família!”.

“Pedi para ela não freqüentar mais esses lugares. Agora você vê, pai de santo, macumbeiro, conselheiro espiritual. Sou descrente dessas baboseiras e de novas religiões. Poetas se suicidam, mas eu que jamais escrevi uma trova, ser condenado por um *pai de santo de merda*?”. Ele estava visivelmente abalado, matreiro, puto, tomou para si a dívida. Chegamos ao Pigalle, pedimos chope ao Manolo. O silêncio embargado denunciava um amigo encalacrado, em situação difícil.

– Stênio, eu nunca fui de mentir para livrar a cara de ninguém. É essa a base de nossa amizade mais que irmão, né? Isso que você está fazendo é sofrer por antecipação, se acovardando diante de um quadro desfavorável, antecipando-se a uma situação adversa, mas que não é definitiva.

Vi meu amigo bicar o chope gole a gole admirando a paisagem, as mulheres, a turma jogando vôlei, frescobol, o sol esturricando a pele alva das

turistas. Desconversei, puxei assunto que tirasse aquelas merdas da cabeça dele, falei de futebol, relembrei de nossas mulheres fabulosas...

– Sabe que você tem razão? Nem feitiço pesado, nem o Exu o mais brabo do mundo, nem a profecia de um macumbeiro sacana, nem tudo junto, será capaz de enterrar minha alegria. O chope me fez bem, mano, tanta mulher bonita, que dia, que sol! Quer saber, isso é dia de viver, o bruxo de merda que arranje outro otário. Manolo desce mais dois. Saúde, mano!

Ele me abraçou emocionado, quase chorando. O jovem Stênio, amigo, moleque, enfim estava de volta. Cada novo chope chegava espumante de admiração, amor, ódio, desejo, alegria, tristeza, descia belo, lava glacial. A conversa fútil fluía leve, preciosa, discutimos o nada, sorrimos à toa. Fomos andando até o Posto Oito, o sol descambava a caminho da Pedra da Gávea, a praia arrepiava entre fogo e ouro, onde mulheres moreníssimas de coxas saradas flutuavam.

Ouvimos risos. Patrícia, Bárbara e Priscilla desfilavam a beleza deslumbrante, nos cercaram de beijos e abraços. Foi a complementação da recuperação total de Stênio. A imagem do meu amigo renascido ficou para sempre gravada, me deixou feliz. Os olhos azuis de Ritinha voltaram a brilhar, não precisa mais de conselheiro espiritual nem Stênio de pó para serem feliz, vivem como duas crianças, eternamente felizes.

– Thalia, terminei o conto. Ela loira, sanduíche natureba, olhos verdes, taças de vinho, boca molhada, crítica feroz, cheirando a xampu, leu e decretou:

– Tio, esse conto, tipo assim, não dá nem pro jornal de bairro! Vamos lanchar, depois direto para a praia que o sol está, tipo assim, desesperador. Deixa esse negócio de conto pra lá...

O PACTO DOS MENINOS DA RUA BELA

– Uma tragédia, um triste equívoco...

Assim o detetive Mattos, encarregado do caso, fazia aos repórteres as declarações de praxe tentando explicar o dramático fato ocorrido na Rua Bela, sem polemizar muito para não aumentar o já desmoralizado conflito existente entre a instituição policial, a imprensa e a sociedade.

– Já temos o esquema quase completado e poderíamos demonstrá-lo, mas vamos aguardar o fim de todas as variantes investigativas para esclarecer detalhadamente. Qualquer tentativa de conclusão no momento seria obviamente prematura e precipitada.

Mattos andava de um lado para o outro entre os repórteres impacientes. Nunca se acostumou a lidar com a imprensa, gente que parecia tão distante da sua profissão quanto outra galáxia da Via Láctea. Tirante alguns poucos repórteres policiais, que procuravam entender as duas faces da moeda, Mattos sabia que falar alguma coisa à imprensa nem sempre é vê-la publicada integralmente no dia seguinte.

As notícias têm uma escala de partida e retorno que vem desde o pautista, ao repórter, este quando regressa altera a pauta já não pode jamais ser cumprida com exatidão. Daí vai para as mãos de um copydesk (antes era um revisor), até chegar ao paginador. Em suma, faz uma viagem entre a verdade e a ficção. As redações foram informatizadas decretando o fim da revisão, agora a responsabilidade é dos computadores – que não são gente nem podem ouvir as reclamações nem levar porrada. Assim...

Macaco velho na profissão, Mattos era tido pelos repórteres como um policial à antiga e por conseguinte destinado à extinção. Ligado mais ao tipo de investigação dito *sherloquiano*, jamais nunca se conforma com o itinerário a que são submetidas às informações que, mesmo a nível interno, vão sofrendo poda, enxerto, maquiagem, até se travestir na inverdade de tudo o que foi dito – ou vice versa.

Às vezes o que sai publicado é mais bonito, mais colorido do que a realidade – ou mais ou menos horroroso. Bandidos e policiais são heróis da mesma história de quadrinhos, mas nunca verdadeiros representantes da verdade nua e crua que conhecemos, que deixa marca de sangue nas paredes e calçadas, que espalha dor e lágrima às famílias a cujo itinerário cotidiano é acrescentada a passagem pelo morgue e pelo cemitério de maneira brutal.

– Mas doutor Mattos – foi a vez de um repórter intervir – os familiares das vítimas denunciam a atuação de grupos de extermínio no local, chacina de

menores, da influência que traficantes têm nas escolas, se queixam de providências que foram pedidas e nunca tomadas, coisas assim. Repetição de chacinas ocorridas recentemente.

– Não precisamos detalhar o que todos vocês da imprensa sabem. É lugar comum em casos semelhantes o protesto das famílias, a atuação de representantes do tráfico, o desvio do foco principal para as periferias, para obter alguma vantagem. Depois de tudo vão pedir indenização coisa e tal. É o fato, mas algo que foge da nossa alçada, escapa do controle de uma simples delegacia. Portanto, vamos prosseguir na investigação, encontrar os culpados, objetivando entregar o processo bem elaborado ao corregedor para que as providências corram rápidas.

A cinza do cigarro desabou sobre a manga da camisa, que deveria ser branca antes de ficar encardida pelo suor e poeira. Mattos tentou limpar a sujeira com a ponta dos dedos mas foi pior a emenda que o soneto: a umidade deixada pelo suor desenhou uma trilha acinzentada como marcas de pneus derrapando no asfalto molhado. Suspirou resignado e usando os lugares comuns que assimilou durante a profissão, preparou todos os chavões para responder aos repórteres e encerrar aquela questão capciosa:

– Sentimos tanto quanto os familiares, que sofrem mais do que ninguém a perda dos entes queridos e têm motivo de sobra para ficar irritado. Tudo leva a crer, no entanto, que se trata de um trágico equívoco, lamentável mas sem nenhuma ligação com a onda de violência que desce dos morros e sai das favelas alagadas para atingir menores e meninos delinqüentes de rua. Uma coincidência, mas um fato isolado e triste. Por enquanto é só, gente. Bom serviço para todos.

Mattos foi dizendo as últimas palavras e se encaminhou ao gabinete, agradecendo aos repórteres como sempre fazia, dirigindo-se a cada um deles. Aparecer nem sempre é vantajoso para o policial. Aliás, a não ser que se pretenda ser candidato a algum cargo, nesses tempos bicudos de perseguição à figura do policial aparecer demais nunca é vantagem. Ser leve e invisível são qualidades essenciais a cargo tão vulnerável, que todo policial deveria carregar consigo.

Os repórteres se afastaram um tanto decepcionados, uns indo embora, outros procurando contatar a redação para encaminhar a matéria. É possível que entre eles alguém se interesse pela linha investigativa e busque nos casos, em entrevistas breves com escreventes e subalternos da delegacia, encontrar mais luz para elucidar o mistério que envolve situações assim. Alguém que pense enfim em ganhar o Prêmio Esso de Reportagem ou até o Pulitzer... Quem sabe?

O detetive Mattos sumiu para o outro lado e se recolheu à tranqüilidade da sala quente mobiliada com mesas velhas polidas de preto, entre armários de aço e cadeiras desconfortáveis de encosto duro. Na mesa acumulavam-se irregularmente montes de papel, faxes, maços de cigarro vazios, relatórios,

isqueiros, caixas de fósforo, misturados a contas de luz, gás e telefone (pagas e a pagar), alguns cadernos de jornais, revistas não lidas.

O sinal de modernidade do escritório estava instalado na mesa lateral – um computador conjugado com impressora – o novo e o velho no mesmo espaço dividido com rádio-comunicador de última geração, vários telefones funcionando e mudos, a máquina de escrever manual, um cinzeiro cheio de clipes, raspa de lápis, pontas de cigarro a não mais poder e, claro, cinza a mais cinza transbordando por todos os lados.

Mattos sentiu-se em casa. Sentou e acendeu mais um cigarro olhando a principal manchete do jornal *O Popular* – dedicado a fatos sensacionalistas. As letras garrafais destacavam o encontro macabro dos corpos de quatro meninos no terreno baldio. As fotografias ressaltavam o vermelho que sujavam as roupas e muito sangue em volta dos corpos. Esse detalhe dava na vista e aumentou a curiosidade de Mattos. Havia muito sangue e nenhum sinal de violência, nem marcas de torturas, arranhados, membros quebrados, arrastões, coisas assim. O olhar experiente do detetive reparou que havia, inclusive, uma enorme serenidade, uma aura tudo circundando o ambiente, os cadáveres.

As fotos tristes ilustravam a reportagem. Fotos que não caberiam em nenhum álbum mas que ele, por força da profissão, tinha de ver diariamente. Sua cabeça inventava flashes cheios de contrastes com as fotografias que se vê em casa fazendo comentários e rindo, retratos dos álbuns de festas tradicionais, casamentos, aniversários, batizados, linkando-se à memória dos folhetos das agências de turismo. Bahamas, Hawaii, Fernando de Noronha, São Luís, Nordeste. Por que o mundo não continuou sendo aquele paraíso edênico que a Bíblia nos contou? Quem destruiu tudo isso? Adão? A serpente? A maçã? Eva?

****

Enquanto duraram os trabalhos de construção do elevado da Linha Vermelha a Rua Bela no bairro operário de São Cristóvão se transformou toda ela num vasto, sujo e deserto canteiro de obras. Máquinas, betoneiras, ferramentas, areia, cimento, ferro retorcido, madeira, tapumes, tudo se amontoava numa loucura só ao longo da rua. Em conseqüência as baratas, ratos, escorpiões, os mais diversos insetos, de repente ficaram despidos das entranhas da terra, dos ralos, tubulações, das veias subterrâneas, esgotos – e afloraram à superfície em busca de espaço para sobreviver.

Daí em diante foi a vez da população se ver atacada pelos males que derivam desse ambiente nocivo, além da normal chateação e da poeira invisível. Alergia, irritação das mucosas, dor de cabeça, dificuldade de respirar, enjôos, vômitos inesperados. Idosos e bebês, por circunstância natural da idade, eram os mais afetados e viviam freqüentando os ambulatórios disponíveis para

suplementos vitamínicos, antialérgicos, vacinas, nebulizações, soros, tudo que viesse amenizar o ataque repentino de tantos males.

Por outro lado a molecada encontrou naquela confusão um espaço novo, naturalmente voltado às aventuras, perigosas algumas, que costumam atraí-la. Após as aulas os meninos se acostumaram a ir ao local alimentando idéias e invenções naturais da idade, futucando buracos, explorando as cavernas, catando coisas, fazendo descobertas naquele mundo novo. O espaço novo se transformou em imenso laboratório natural, provocando a imaginação e a criatividade, enriquecendo o efervescente pensamento dos adolescentes que encontravam ali o espaço ideal da fuga em busca de heróis, imaginários ou não. Para eles mocinhos e bandidos transitavam livremente entre a tela da TV e a realidade.

Para a maioria dos moradores – que já eram obrigados a conviver com o alto índice de poluição das pequenas indústrias do bairro – a obra do elevado chegou para se transformar num vizinho indesejável, capenga, lento, que veio encher a casa, a varanda, os cômodos todos, em ambientes empoeirados sujeitos às intermináveis sessões de limpeza, com uma previsão futura mais triste ainda porque a pista de alta velocidade iria passar a poucos metros dos prédios que resistiram à onda de demolição.

Não é difícil imaginar-se a situação num quadro de trânsito intenso e permanente, o ruído infernal dos motores, o barulho irritante das buzinas, o incômodo causado pelo pó finíssimo, que se tornaria cada vez mais filtrado pela passagem ininterrupta dos veículos, prenúncio de inevitáveis acidentes, fim da tranqüilidade, do silêncio noturno. Uma Rua Bela que jamais seria aquela mesma que consta das descrições históricas, pacata rua de subúrbio, calma, pacífica, distante.

****

Para a segunda semana de março de 1992 o calendário gregoriano reservou um dia aziago, uma sexta-feira 13. E apesar de ninguém mais acreditar em superstições – pelo menos é o que dizem *da boca pra fora* – o achado dos corpos de quatro meninos mortos num dos becos que circundam a Rua Bela foi atacado de maneira sensacionalista pelos jornais e vinculado diretamente ao dia aziago. Os jornais de resposta popular, principalmente estes, exploraram o fato em manchetes alarmantes, transformando-o em matéria para atrair público. A chacina da sexta-feira 13... Um filme de horror.

O assassinato de menores na Baixada Fluminense – área de maior periculosidade no Rio de Janeiro – desde há muito aparece na imprensa internacional até como fato corriqueiro, mas num bairro próximo, cerca de 20 minutos do centro da cidade, considerado proletário mas abastecido de hospital, escolas, delegacias, jamais tinha ocorrido e certamente era motivo para as mais deslavadas explorações, comentários, repercussões.

Quatro meninos vestidos com uniforme da escola municipal, quatro crianças ainda em formação, incapazes de cometer algum crime, quatro garotos que jamais alimentariam as ambições dos seqüestradores e afins porque pertenciam a famílias pobres, quatro guris que sequer justificariam as despesas com armas e balas para grupos de extermínio, quatro moleques que viviam cantando, imitando conjuntos de rock que viam nas TVs – uma coisa realmente difícil de entender e explicar, mesmo para a cabeça experimentada do detetive Mattos.

O material escolar encontrado em posse dos meninos, cadernos, livros, mochilas, tudo foi recolhido e vistoriado pelo detetive, que não teve dificuldade com a perícia. O exame de corpo delito em poucos dias chegou às suas mãos sem que registrasse qualquer anormalidade como envenenamento, nem algo que indicasse uso de tóxicos, álcool, cola. Apenas refrigerante, balas, doces, biscoitos haviam os meninos ingerido naquele dia. Todos perderam a vida do mesmo modo: anemia profunda por perda extremada e incontrolável de sangue.

Passada a primeira euforia do achado, a imprensa o deixou de lado e ele pôde investigar tudo tintim por tintim, com a calma necessária, socorrendo-se primeiro do amigo e colega Roberto Santos, médico legista de alto conceito.

– Queimaduras de cigarros, marcas de tortura?

– Nada, negativo... Foi a resposta

– Picadas de agulhas?

– Negativo!

– Algum indício de tóxicos nos pulmões?

– Nada parecido.

– Sangue, vísceras, estômago?

– Nada, só o trivial, comida de moleque mesmo.

O detetive Mattos agradeceu ao colega perito e desligou o telefone lentamente, a mão flutuando no ar, segurando o aparelho silencioso, enquanto a mente fervilhava em pensamentos freqüentando os altiplanos da imaginação. Mattos sozinho pensava em voz alta, a lógica transportando-o diretamente – como um vôo ponto a ponto – diretamente a um ponto inacreditável. Então ele soltou um risinho nervoso:

– As histórias policiais REALMENTE existem...

Só que tudo o transportava a imaginação a algo incrível que nem os jornais mais espetaculares, nem as mães com o sentimento mágico que têm, nem as ONGS que atuam livre de peias, nem mesmo toda a população da humanidade, que se deixa levar por estórias extraordinárias, ninguém enfim (muito menos os repórteres sensacionalistas), seriam capazes de acreditar na solução apresentada ao caso.

Mattos era o portador de uma bomba repousada nas palmas das mãos prestes a estourar e transformar em picadinho as suas entranhas. Pegou a maçaroca de papéis, cadernos, recortes de jornais, notas que poderiam ser úteis e levou tudo para casa. Já teria divertimento intelectual por longo tempo. Um trabalhinho extra para o fim de semana que poderia levá-lo diretamente à confirmação de tudo que imaginava e ter o caso resolvido, mesmo ao custo de ouvir reclamações da família pela mudança de planos. Já imaginava a sogra e a mulher dizendo em coro:

– Esse Mattos não tem jeito mesmo!

Não precisava dizer que, mais que a imprensa, entidades de defesa, as mães dos menores, os religiosos, a pressão para resolver o caso era mais forte em casa mesmo. Com o caso resolvido a vida voltaria à *normalidade* (se é que se pode achar que a vida do detetive é uma vida normal)...

****

– Ianomânis. – Yanomanis. – Iânomanis. – Yanomamis.

Mattos procurava acertar com a pronúncia e a grafia daquele nome bem brasileiro mas não de todo conhecido. Depois de vasculhar todo o material – escolar ou não – que os garotos possuíam, o detetive descobriu algo que os uniam em comum. Eram recortes de jornais, páginas de livros, textos sublinhados, fotocópias de revistas e de publicações consultadas em bibliotecas.

Curioso em saber mais detalhes da coincidência o detetive Mattos procurou a diretora da escola que confirmou que *“devido ao destaque ultimamente dado aos assuntos ecológicos e principalmente devido a realização da Eco-92 no Rio de Janeiro, a maioria das classes foi convocada a apresentar trabalhos sobre o tema da ecologia, recursos naturais, populações aborígines e, evidentemente, as condições atuais de sobrevivência das tribos indígenas.”*

Pois o trabalho que unia aquele grupo de estudantes era a história da aculturação dessa tribo arredia cujos contatos visando à *pacificação* haviam sido feitos recentemente. Na realidade os indigenistas procuravam *salvar* aqueles índios da anunciada invasão de suas terras objetivando construir uma estrada. Os resultados dessa incursão, afora pequenas reportagens feitas pelas tevês, nunca foram divulgados mas soube-se – em off – que fazendeiros, garimpeiros e

exploradores de madeira aproveitaram-se da *pacificação* para ganhar muito dinheiro. Na ocasião algumas tribos resistiram à exploração de suas terras e vários índios morreram *misteriosamente.* É claro que até as crianças sabem como somar 2 + 2...

O trabalho de pesquisa do grupo realçava principalmente os aspectos conflituosos da aculturação, cujo resultado afetou direta e tragicamente crianças e adolescentes da tribo Ianomâni. Os cadernos apresentavam trabalhos fartamente ilustrados formando um belo quadro ecológico muito colorido, cheio de fotos de pássaros, vegetação, animais da fauna brasileira, a formação geométrica das tabas e, claro, índios vestidos em trajes cerimoniosos, utilizando o arco e a flecha, pescando, caçando ou mostrando a vida cotidiana da tribo, as lendas e crendices. Alguma coisa naqueles recortes soava familiar ao detetive...

****

O detetive Mattos viu-se levado pela lembrança de um encontro que teve há muito tempo atrás com um velhinho de cabelos brancos, simpático e sorridente, que fazia passar as horas sentado no Bar Amarelinho, na Cinelândia, bebericando uma tulipa de chope intercalada com doses de cachaça. Aos 90 anos o prazer de Nunes Pereira era contar as histórias e aventuras que ele mesmo viveu durante os anos de convivência entre os índios da Região Amazônica, que o consideravam um irmão. As aventuras na selva do Maranhão encheram-no de orgulho e sabedoria, tornando-se verdadeira enciclopédia sobre o assunto, referência para qualquer estudioso do tema.

Nunes Pereira conhecia como ninguém a vida dos índios, seu habitat, seus costumes, histórias, lendas, hábitos, leis, hierarquias, epopéias e o amor pela natureza. Desse famoso antropólogo maranhense Mattos ouviu a primeira referência respeitosa e eloqüente do índio brasileiro. Do indigenista também ouviu pela vez a palavra Ianomâni – que nossos vizinhos hispânicos grafam Yanómane – porque essa nação ocupou a vasta região amazônica situada nas fronteiras do Brasil, Peru, Colômbia e Venezuela.

Claro que para eles a fronteira não existia, eram moradores daquela terra toda situada entre picos e montanhas que conheciam como ninguém. Nunes Pereira contou a Mattos como foram importantes os *ianomânis* no auxílio à expedição que iria fazer o mapeamento do Pico da Neblina, num tempo que se buscava descobrir o *teto do Brasil*. E enquanto contava dava um conselho:

– Leia meus livros, meu filho, leia os trabalhos dos Vilasboas, do Orlando, do Cláudio, do Leonardo, do Álvaro, gente que viveu entre os índios e pode falar mais sobre isso que muitos antropólogos de sala e escrivaninha.

Corria o ano de 1946 quando missionários fizeram o primeiro contato com a tribo *ianomâni* na Missão de Matucará. O sistema de aproximação ainda era a

mesmíssima tática da tripulação de Cabral. Missionários iam aos acampamentos abandonados – pois era tribo nômade – deixando de presente vários utensílios de uso doméstico, colares, peças de adorno, bijuterias, espelhos, miçangas, um ou outro machado, uma faca.

Mesmo aceitando a aproximação de modo pacífico os *ianomânis* não se deixavam isolar nos parques anunciados porque eram de natureza a não aceitar moradia fixa. Subdivididos dentro da própria família tinham atritos constantes com seus parentes andinos em combates fratricidas. Assim quanto mais recôndita era a vegetação, mais servia aos propósitos da comunidade errante.

Não obstante ser um povo guerreiro, sempre se mostraram pacíficos e prontos para ajudar os brancos desde que não houvesse algum tipo de vínculo nem obrigação. Foi assim que muitos deles se prontificaram a acompanhar a expedição criada para escalar o Pico da Neblina, aventura que – historicamente – deixava os homens febris e loucos devido às circunstâncias selvagens da região. Mesmo assim todos iniciaram bem animados a caminhada. Apesar de notar que enquanto avançavam o frio se acentuava e a serra mostrava sua natureza inexpugnável, ninguém imaginou o quadro que se desenhava.

A situação foi ficando mais grave quando os índios seminus se sentiram ameaçados pela temperatura exageradamente fria. Habituados ao clima tropical dos baixios, simplesmente foram pouco a pouco abandonando a expedição, sumindo na mata densa sem dar satisfação, deixando o grupo sozinho. Mas até mesmo os mais resistentes membros da campanha foram duramente castigados pelo terreno virgem, pelo frio noturno abaixo de zero, pela umidade excessiva das terras altas.

As tentativas de alcançar o pico foram infrutíferas e o grupo teve de desistir a pouco menos de três quilômetros do objetivo final, segundo calcularam. Os homens foram forçados a fazer uma retirada lenta que se tornou dramática e dolorosa ao ficarem retidos no solo pegajoso, na mata intrincada, na lama produzida elas folhas e galhos apodrecidos. Era um caminhar demorado, penoso, faltaram víveres, os mosquitos e a febre atacavam, alimentavam-se precariamente, dormiam pior ainda.

A natureza implacável se mostra impiedosa com aventureiros que, mesmo preparados para situações difíceis e com muita experiência na selva, não esperam tantas dificuldades. Alguns índios já aculturados que serviam de guia e de intérprete também foram castigados com a perda da própria vida, caboclos ficaram gravemente enfermos, outros se extraviaram nas brenhas e foram encontrados dias depois à beira da morte. Pelo menos de uma coisa ficaram sabendo: os *ianomânis* foram mais espertos quando instintivamente desistiram da expedição retornando para as tabas na planície amazônica quente e úmida.

****

– Leia livros, meu filho. Leia todos os trabalhos dos Vilasboas, sem esquecer do Leonardo e do Álvaro, que apareceram menos na imprensa. É relato de gente que conviveu com a natureza dos índios. Vivemos anos nas matas comendo, morando e até casando com indígenas e sabemos mais sobre eles do que muitos indigenistas que nunca saíram das salas das bibliotecas.

As palavras do velho amigo e antropólogo Nunes Pereira trouxeram recordações que fizeram o detetive Mattos voltar o foco da investigação para o livro que lhe fora autografado pelo próprio autor: *"Morongüetá-Um Decamerão Indígena"*. Talvez estivesse ali o segredo para elucidar a investigação em andamento. A intuição do investigador policial (só igualada pela intuição feminina), dizia que ali iria encontrar ajuda direta à solução do caso.

Lá pelas tantas da leitura minuciosa, Mattos esbarrou numa lenda fantástica, *"O Mito dos Baris - A Dança dos Mortos"*, de inacreditável semelhança com a tragédia dos meninos da Rua Bela.

> *"Quatro meninos Ianomânis eram baris – isto é, cantores dançarinos – que viviam freqüentando e animando com canções e bailados as festas religiosas e pagãs. Ficaram famosos porque tinham vozes maviosas que se casavam perfeitamente, completando-se uma com a outra. O quarteto mostrava perfeito entrosamento durante a exibição das danças, com coreografias inventadas na hora mas que pareciam ter sido ensaiadas com afinco dada à concatenação conseguida. Tanta foi a fama e tantas as famílias que os convidavam para animar as festas que correu o mito de que a presença dos meninos trazia bons agouros ao lugar, às pessoas, aos objetos, à casa. Tantas quantos fossem as festas que havia lá estavam eles: nascimentos, batizados, nos rituais dos adolescentes, noivados e casamentos. Até durante o rito da morte e mumificação lá estava o grupo presente cantando e dançando as exéquias. Se um aldeamento novo era levantado os baris eram convidados de honra para cantar nas malocas antes de serem habitadas, nos roçados antes de serem plantados, nos paranás antes de ser feita a primeira pescaria, na florada e na colheita, no abate dos animais. Um dia foram chamados para um enterro e era funeral de muitos ianomânis mortos em confronto com brancos, brancos fazendeiros, caboclos garimpeiros, brancos invasores, muitos madeireiros, brancos matadores. A aldeia toda estava incendiada, as malocas destruídas, plantações derribadas, cadáveres por todo lado e os meninos baris pela primeira vez representaram os ritos em pranto, demorando-se mais num canto separado onde estavam as cabaças de barro ainda úmidas feitas às pressas*

para acolher os corpos dos curumins. Contaram quinze potes, choraram quinze vezes, dançaram quinze danças, cantaram quinze cantos fúnebres. Os baris continuaram cantando e dançando sem parar durante toda a noite quando ficaram sozinhos na aldeia, abandonada pelos sobreviventes em fuga. No dia seguinte um grupo de religiosos acudiu ao local e encontrou os baris mortos derreados sobre o montículo onde os potes com o corpo dos curumins estavam enterrados. Foi uma consternação geral. Os corpos corados de urucum conservavam a pele lisinha como a cútis dos anjinhos. A terra úmida estava regada de vermelho do sangue dos baris. Somente após muita pesquisa os indigenistas descobriram que os baris escolheram para morrer o ritual dos feiticeiros ianomânis: uma minúscula incisão era feita sob a unha do dedão pé esquerdo que – sem dor nem sofrimento – provocava a perda total do sangue, expelido diretamente para o solo através de um minúsculo tudo de capim bambu. Os meninos baris viraram heróis e tiveram um enterro misto das tradições ianomâni e cristã."

****

– Alô Roberto, Deus ajuda a quem madruga!

Assim o detetive Mattos saudou o colega que cumpria o plantão de sábado no laboratório, no afã de esmiuçar corpos que perderam a vida tragicamente em busca de minúsculas pistas e sinais que ajudassem a encontrar culpados e levá-los ao julgamento dos homens. Roberto riu e respondeu de imediato:

– Deus ajuda a quem *cedo* madruga! – o que é mais ainda, Mattos. É um prazer ouvi-lo. Aqui, como você sabe, trabalho é que não falta. Já sei o que você quer tão cedo. É sobre os meninos da Rua Bela, não é? É um trabalho e tanto, mas espero concluir em breve.

Depois de ouvir vastos cumprimentos pelo trabalho que executara, o perito ouviu calado o pedido demorado do colega detetive.

– Não precisa justificar nada, Mattos, já ouvi todos os pedidos que podem ser pedidos no mundo. Não é agora que vou me admirar. E já que você está com pressa, agüenta na linha... É pra já...

O detetive Mattos não descolou o telefone do ouvido enquanto consumia ansiosamente quatro cigarros seguidos e vários cafezinhos. Pouco tempo depois o perito Roberto Santos retornou, relatando em detalhes a resposta. Mattos ouviu tudo, respeitosamente calado, sem interromper a exposição. Depois o silêncio foi

mútuo e o pensamento de ambos os policiais caminharam juntos a uma só conclusão.

– Suicídio, Mattos, você tinha razão. Suicídio...

– Suicídio. Você acreditaria nisso Roberto? Um pacto de suicídio entre adolescentes – repetiu para si mesmo. Quem, afinal, vai acreditar nisso? E como explicar?

O perito não soube o que responder porque não era chegado a lendas e costumes selvagens, mas se congratulou com o detetive Mattos efusivamente.

– Mas você tem nas mãos todos os elementos necessários para basear e concluir o inquérito, Mattos, embora seja difícil convencer a todos, principalmente às mães, porque aí envolve o sentimento de perda e dor.

– Procurarei mostrar às mães que, afinal, o sacrifício dos meninos foi por uma boa causa. Se é que a morte, em qualquer circunstância pode justificar a defesa de uma causa...

– Só você para chegar a essa incrível conclusão sem ser legista. Parabéns, Mattos! E não esqueça de me mandar uma cópia do inquérito para meu super secreto *Arquivo X*...

Mattos não escondeu a pontinha de orgulho diante das exclamações admiradas de Roberto. Essa, aliás, era uma das poucas compensações de tão ingrata profissão: o respeito e reconhecimento dos colegas. Roberto, porém, não demorou nadinha em estragar a alegria de Mattos.

– Mas amanhã eu não quero por nada deste mundo estar na sua pele, caro colega! Se chamarem você de charlatão, trapaceiro ou mágico, ainda será elogio! Vou mandar-lhe o laudo mas não me chame para explicar nada. Vou viajar. Vejo você na TV.

Roberto disse as últimas palavras em tom de gozação, mas ao fim corrigiu:

– Se precisar sabe onde me encontrar. Boa sorte. Aliás, toda a sorte do mundo!

No outro lado da linha o detetive Mattos riu nervosamente ao se imaginar jogado às feras, ter que defender a polícia, que mais uma vez seria atacada como instituição. Já se via alvo do ridículo, condenado por chegar à conclusão que não fosse a mais óbvia: chacina a meninos de rua. Enfim, fazer o quê?

O autor

Quem sou eu? Meu nome é Salomão Rovedo (1942), tenho formação cultural em São Luis (MA), resido no Rio de Janeiro. Sou escritor e participei de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos.

Tenho textos publicados em: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987.

Inéditos que estou tentando publicar em e-books: Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaios), O Cometa de Halley e Outros Ensaios (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amaricanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornôs, Macunaíma (Em Cordel).

Outras coisinhas que fiz: publiquei folhetos de cordel com o pseudo de Sá de João Pessoa; editei o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; colaborei esparsamente em: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) – e outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet.

Tenho também e-books disponíveis gratuitamente no site: www.dominiopublico.gov.br

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi-20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil - Tel: +55 21 2201-2604

Foto: Priscila Rovedo

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/ ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar para sua filha Priscila Lima Rovedo.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo